COLEÇÃO PLANETA

VOLUME 2

EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS

TRÊS

ISSN 85-7368 010-9

EXTRATERRESTRES AO LONGO DO TEMPO

C.R.P.WELLS

COLEÇÃO PLANETA

VOLUME 2

EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS

EXTRATERRESTRES AO LONGO DO TEMPO

C.R.P.WELLS

ÍNDICE

Editor e Diretor Responsável:
DOMINGO ALZUGARAY
Editora: CÁTIA ALZUGARAY

EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS

CRIAÇÃO E REDAÇÃO: Carlos Wells.
PROJETO GRÁFICO: CL Propaganda.
EDITORAÇÃO: Marcos de Mauro e Souza e Osmar Mendes Júnior.
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Antonio Cesar Decarli e Ricardo Tiezzi.
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Flávia de Morais.
REVISÃO – Alencar Gentil de Castro, Élvio Severgnini, Izildinha Rosa de Souza, Previz Rodrigues Lopes.
SERVIÇOS EDITORIAIS – Diretor: Dílico Covizzi. **Estúdio Fotográfico:** Odemil Souto Romão e Dárcio de Jesus (laboratoristas).
SERVIÇOS GERAIS – Coordenação Gráfica: Devani Rueda Ferrari, Luiz Carlos Passieni.
MARKETING – Diretor: Carlos Alzugaray. **Gerente de Marketing:** Luciana Zaroni Boaventura.
CIRCULAÇÃO – Diretor: Gregorio Franco. **Gerente:** Neide A. Lima.

EXTRATERRESTRES ENTRE NÓS (ISBN 85-7368-018-0) é uma publicação do Grupo de Comunicação Três S.A. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: R. William Speers, 1.088, f. (011) 835-8433, ramais 252 e 258 (PABX), fax (011) 260-9507, 05067-900, Caixa Postal 223, 01059-970, São Paulo, SP. Sucursal no Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso, 63, conjs. 1.509/14, f. (021) 240-2075. Sucursal em Brasília: SCS, Quadra 2, Edifício Oscar Niemeyer, cj. 1.407/8, f. (061) 224-9390. **Preço do exemplar avulso:** o constante na capa. **Serviço ao Leitor – Números Atrasados:** Os pedidos serão atendidos, condicionados à disponibilidade em estoque, ao preço da edição atual. **1) Por carta:** À Editora Três Ltda., A/C Serviço ao leitor, Caixa Postal 223, CEP 01059-970, São Paulo, SP. Os pedidos atendidos via correio serão acrescidos das despesas de envio. **2) Nas bancas:** Diretamente com os jornaleiros ou através do distribuidor F. Chinaglia de sua cidade. **3) Pessoalmente:** São Paulo – Rua William Speers, 1000, Lapa de Baixo, f. (011) 835-8433, e Praça Alfredo Issa, 18, centro, f. (011) 230-9299; Rio de Janeiro – Rua Teodoro da Silva, 821, Grajaú, f. (021) 577-4225 e 577-2355. **GRUPO DE COMUNICAÇÃO TRÊS** não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., R. Teodoro da Silva, 907, f. (021) 575-7766, fax (021) 577-6363, Rio de Janeiro, RJ.

Composição, fotolitos, impressão e acabamento: Empresa de Comunicação Três Editorial Ltda., Rodovia Anhanguera, km 32,5 – Cajamar – SP – CEP 07750-000.

ANER

Extraterrestres na pré-história

Registros arqueológicos indicam que a Terra já era visitada por civilizações mais avançadas antes mesmo do surgimento do homem

Uns 12 bilhões de anos atrás, o planeta Terra era apenas um primitivo agregado de elementos protoplanetários participando de um anel de partículas, semelhante a uma bola de gases incandescentes suspensa no espaço, orbitando ao redor de um singelo Sol amarelo ainda em formação. Nessa época, o universo em geral já existia, pulsando na escuridão do cosmo havia pelo menos uns 3 a 5 bilhões de anos. E é bem provável que seja bem mais do que isso, como apontam as atuais descobertas. Mas, de qualquer forma, bilhões de anos haviam transcorrido desde a explosão primordial ou Big Bang, proporcionando a oportunidade de muitos sistemas solares se formarem assim como o nosso, bem antes de esse existir.

Foi somente há 4,6 bilhões de anos que o nosso pequeno planeta iniciou seu processo de resfriamento, dando como conseqüência a formação dos seus oceanos. Nesse período, o universo já carregava uma idade próxima dos seus 13 bilhões de anos de antigüidade, sendo que, em muitos mundos bem distantes do nosso, a vida já deveria ter surgido, evoluído e provavelmente acabado. A cadeia do desenvolvimento de muitas espécies na vastidão cósmica, provavelmente haveria girado inúmeras vezes lá fora, antes de iniciar-se em nosso planeta.

Nessa jovem Terra, a vida se desenvolveu aproximadamente há 3,5 bilhões de anos, dando espaço inicial a seres microscópicos, isto é, fundamentalmente a bactérias e, mais adiante, a uma variedade bem diversificada de algas e vegetais aquáticos. A origem de formas de vida mais complexas, como mariscos e moluscos, surgiu bem posteriormente, por volta de 500 milhões de anos apenas.

Seguindo a evolução, algum tempo depois, teriam aparecido os peixes e os anfíbios, sendo esses últimos os responsáveis pelo surgimento de animais em terra. Os gigantescos répteis, que tomaram conta do planeta, apareceram por volta de 360 milhões de anos, encontrando seu período mais intenso de povoamento há 290 milhões de anos. Esses colossais animais estiveram presentes perambulando por mais de 200 milhões de anos, vindo a desaparecer misteriosamente há 65 milhões de anos. Até hoje, não se conhece ao certo o número total de espécies de dinossauros que existiram, já que, recentemente, foram descobertas três novas espécies desbancando alguns mitos do nosso pré-histórico passado. Um deles corresponde ao achado do Carcharodontosaurus saharicus no deserto do Saara que, em vida, deveria medir uns 15 metros de altura e pesar umas 10 toneladas, isto é, 3 metros mais alto e 2 toneladas mais pesado que o maior Tiranossauro Rex descoberto até hoje. Uma outra espécie também recentemente descoberta no Saara é o chamado Deltadromeus agilis, um dinossauro de 9 metros de altura e 5 toneladas de peso, mais ou menos do tamanho de um Tiranossauro Rex pequeno, porém bem maior e mais veloz que qualquer Velociraptor já descoberto até hoje. A última recente descoberta realizada na Argentina é a do Gigantosaurus carolinii, um réptil do tipo caçador de 13 metros de altura. Os mamíferos tiveram seu aparecimento por volta de 240 milhões de anos, sendo que os primatas, isto é, os ancestrais dos hominóides em geral assim como dos hominídeos e, conseqüentemente, do próprio homem, apenas surgiram há 40 milhões de anos.

Celacanto capturado em 1938: considerado extinto há 70 milhões de anos

Em relação a nós, os ancestrais primitivos do homem apareceram por volta de 3 milhões de anos atrás, já que as ferramentas mais antigas descobertas até hoje datam de 2,8 milhões de anos aproximadamente. Esses pretensos proto-homens evoluíram lentamente até dar como conseqüência um novo tipo de criatura, bastante diferente em relação a seus contemporâneos chamados de Homo-Hábilis. Cabe destacar que esse é verdadeiramente o primeiro ser na condição realmente humana, e tudo isso ocorre por volta de 1,5 milhão de anos. Desse período em diante, o homem se firmará por volta dos 100 mil anos, consagrando-se definitivamente no planeta apenas uns 45 mil anos atrás.

A trajetória do homem ao longo de sua evolução representa uma saga realmente interessante, a qual se torna ainda mais extraordinária quando deparamos com a presença de objetos, registros ou fósseis que indicam que toda essa genealogia até agora relatada pode estar errada.

Para entender melhor essa colocação, devemos considerar que, ao longo destes últimos 50 anos, a ciência vem descobrindo coisas cada vez mais surpreendentes, principalmente em relação ao passado. Embora os fósseis sempre

MAS AULA

Perfurações em crânio de 10 mil anos: ação de civilizações mais avançadas

tenham sido a melhor forma de perceber como foi a nossa pré-história, também nos demonstra que esse passado pode ter sido bem mais avançado que o próprio presente. Tal é o caso de um famoso peixe, considerado extinto havia 70 milhões de anos, chamado de Celacanto, e descoberto ainda vivo em 1938 perto das ilhas Comores, ao longo de Moçambique, na África. E do famoso caranguejo-ferradura, também descoberto algumas décadas atrás, o qual se considerava extinto havia 130 milhões de anos.

Enquanto passado e presente se misturam à luz das atuais descobertas, a cronologia da nossa jovem humanidade resulta, nestes momentos, atropelada por um grande número de achados arqueológicos, os quais demonstram que o nosso planeta já viu instantes de uma tecnologia muito mais avançada em tempos em que o homem nem sequer existia.

FERIMENTOS INEXPLICÁVEIS

Um desses curiosos e inexplicáveis achados encontra-se no museu natural de Londres, Inglaterra, na seção pré-histórica. Aqui, pode ser observado um crânio descoberto nas cavernas de Broken Hill, na região norte da Rodésia, na África, o qual apresenta características neanderthalenses e cuja antigüidade pode ser superior a 40 mil anos. O curioso dessa ossada é que apresenta um orifício completamente circular no lado esquerdo e um outro orifício de iguais características no lado oposto. Não existem vestígios de trincas radiais ou quebras, freqüentes em função de traumatismos produzidos por impacto de pedras ou armas primitivas. Segundo um dos grandes investigadores europeus de astroarqueologia (a ciência que investiga evidências pré-históricas da presença extraterrestre), sr. Peter Kolosimo, o crânio apresenta os furos produzidos pelo impacto de um projétil que o atravessou de um lado a outro. O lado direito do crânio neanderthal apresenta um estilhaçamento e fragmentação que lembram bastante o produzido por disparo de espingarda. Conforme relata Kolosimo, resulta impossível de aceitar que esses ferimentos possam ser associados a um ritual de trepanação (cirurgia de corte do crânio) ou algo similar, já que os neanderthal nunca foram praticantes desse tipo de intervenção. As perfurações artificiais do crânio foram praticadas por algumas antigas culturas com fins terapêuticos ou rituais, como foi conhecida na América do Sul principalmente, ou até para objetivos de canibalismo nas regiões européias de então. As marcas desses orifícios são perfeitamente circulares, o que descarta de imediato a utilização de lanças ou flechas com puntas de pedra, empregadas nesse período, como responsáveis pela perfuração. O ferimento produzido por esse tipo de arma deixaria marcas irregulares e fraturas, além de rachar em vários fragmentos a estrutura óssea.

Um outro achado, também de características insólitas, vem de encontro a esse anterior, reforçando a teoria da presença de uma tecnologia bem mais avançada para a época. Essa evidência encontramos no Museu Paleontológico de Moscou, na ex-União Soviética, onde podemos observar em exposição o crânio de um bisão, isto é, um tipo de búfalo que perambulou ao oeste do rio Lena, nas tundras da República Socialista Autônoma de Yakutia, o qual se encontra extinto há mais de 10 mil anos. Na testa desse crânio, podemos observar nitidamente a cicatriz, quase que parcialmente regenerada, de um furo perfeitamente circular, demonstrando que o animal não somente foi alvejado há mais de 10 mil anos, mas como também sobreviveu ao impacto do projétil. Segundo o dr. Kazantsev, reconhecido investigador russo, os restos desse animal pré-histórico resultam em mais uma evidência objetiva de que, num remoto passado,

a Terra foi visitada por uma civilização mais avançada. Paralelamente a essa opinião, o dr. Konstantin Fliórov, diretor do museu de Moscou, prefere não concluir qualquer hipótese. O crânio do bisão de Yakutia resulta num grande desafio para os paleontólogos russos, assim como para todos os demais, pois não existem explicações plausíveis para justificar um tipo de ferimento como aquele, principalmente na época em que ocorreu.

Recentemente, um grupo de antropólogos australianos afirmaram ter descoberto no continente um estranho objeto, no interior de um crânio humano de características Neanderthalenses, cuja antigüidade beira os 100 mil anos. O dr. Morton Sorrel, chefe da expedição e renomado investigador, afirmou aos meios de comunicação que o crânio foi achado no interior de uma rocha, onde também foram encontradas outras ossadas humanas. Após a realização dos exames, foi constatada a presença de um objeto estranho, fundido no crânio, localizado pouco acima dos olhos, lembrando um típico implante de monitoramento.

RASTROS DOS EXTRATERRESTRES

Segundo as análises realizadas sobre a composição do estranho objeto, pode-se comprovar que o mesmo está composto por um material desconhecido e anticorrosivo, o que sugere a possibilidade de se tratar de um componente eletrônico ou elétrico. Observações mais apuradas permitiram deduzir que o objeto resulta ser um mecanismo avançado de transmissão de sinais, similar ao utilizado por investigadores no estudo e monitoramento do comportamento animal. O próprio dr. Sorrel apontou a possibilidade de esse objeto ser de origem extraterrestre, utilizado da mesma forma que nós humanos fazemos no estudo das migrações e desenvolvimento animal.

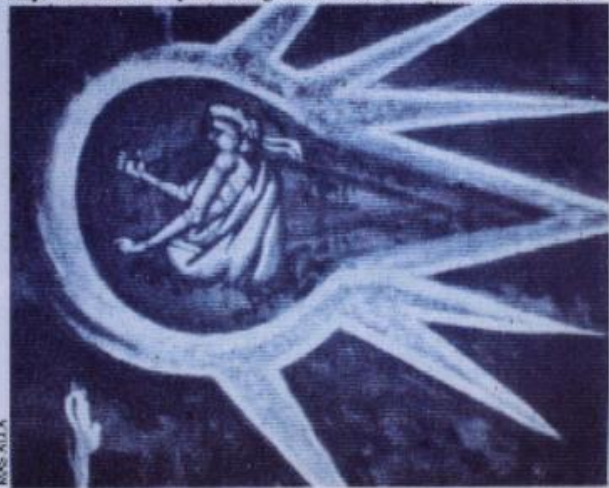
Um grupo de especialistas da Universidade de Sidney, na Austrália, realizou diversos estudos e análises sobre as características e composição do objeto descoberto, porém, até o presente momento, não houve oficialmente qualquer pronunciamento oficial.

Mas, o número de evidências não pára por aqui. Registros fósseis de pegadas humanas, muito antes dos dinossauros desaparecerem, vêm sendo descobertas em várias partes do mundo. Tal é o caso das descobertas realizadas no chamado "Vale dos Gigantes", no leito do rio Paluxy, próximo de Glen Rose, no Texas. Em 1971, o dr. C. N. Dougherty apresentou os registros de centenas de pegadas humanas fossilizadas nessa região, bem ao lado de nítidas marcas deixadas por dinossauros, ambas, fazendo parte da mesma massa de pedra. A única conclusão possível seria de que, no mesmo período em que dinossauros e homens transitaram pelo local, outrora um leito de rio ou lago, as pegadas de ambos ficaram marcadas no barro mole, petrificando-se ao longo de milhares de anos. Segundo Dougherty, não há outra forma de registrar ou trucar essas marcas, pois hoje são rocha. As marcas do rio Paluxy apresentam claramente as pegadas de um Tiranossauro Rex de tamanho médio, sendo que, bem ao seu lado, temos as pegadas de um pé perfeitamente humano bem maior que o normal, cujas características o colocam na condição de um gigante. O detalhe é que as medidas desse pé humano, e pela profundidade da pegada, indicam que esse indivíduo deveria ter mais de 3 metros de altura. Por outro lado, as pegadas pertencem ao período Cretáceo, isto é, possuem uma antigüidade superior a 140 milhões de anos.

Outras curiosas pegadas também foram achadas em 1931 pelo dr. Wilburg G. Burroughs, do Departamento de Geologia do Berea College de Kentucky, nos Estados Unidos. O dr. Wilburg localizou dez pegadas humanas com os perfeitos cinco dedos, medindo 23,73 x 10,25 cm, ao noroeste de Mount Vernon, cuja antigüidade se encontraria próxima dos 250 milhões de anos. Na região de Mount Victoria, o dr. Rex Gilroy, diretor do Mount York Natural History Museum, descobriu em 1970 a marca de um pé gigante, medindo 59 x 18 cm. De acordo com a profundidade da pegada, o proprietário da mesma devia pesar aproximadamente mais de 250 kg. Outro pé gigante fossilizado numa laje de argila foi encontrado na jazida carbonífera de Cow Canyon, a uns 40 km ao leste de Lovelock, cuja antigüidade beira os 22 milhões de anos. De igual maneira, foram encontradas pegadas fossilizadas numa região de Valdecevilla, na Rioja, Espanha, aparentando serem também humanas com mais de 70 milhões de anos de antigüidade.

Um outro achado, também espetacular, foi realizado em 3 de junho de 1968 pelo sr. William Meister, um grande interessado pela paleontologia e colecionador de fósseis, quando se encontrava a 43 milhas da cidade de Delta, no Estado de Utah, nos Estados Unidos. Nessa região, chama-

Anjo estilizado em pintura iugoslava: acompanhando a crucificação

KAS ALLA

Peça que lembra uma vela de ignição, encontrada em pedra milenar

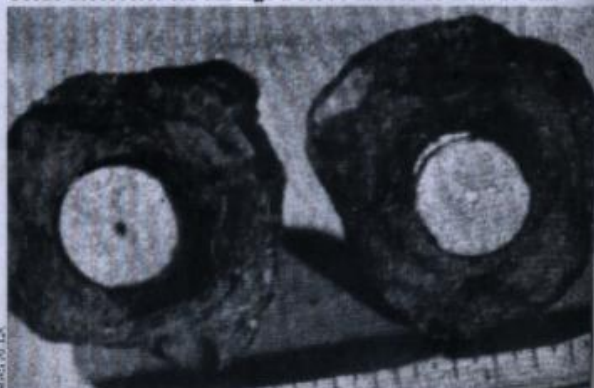
da de Antelope Spings, o sr. Meister junto com o sr. Francis Shape encontraram numa laje de pedra as perfeitas marcas fossilizadas de dois pés calçados, medindo 32,5 x 11,25 cm. As pegadas não somente apresentavam a perfeita forma de sapatos com seus respectivos saltos gravados na rocha, mas também estava presente o fóssil de um pequeno artrópode, cujas características lembram um tipo de crustáceo, provavelmente esmagado pelo proprietário dos sapatos. O curioso disso é que, sob o sapato esquerdo, os restos do pequeno animal esmagado correspondiam às características de um trilobite, um tipo de criatura extinta do planeta Terra havia 250 milhões de anos. Outra marca fossilizada de um sapato foi achada no Fisher Canyon, no Condado de Pershing, Nevada. As características dessa pegada permitem ver claramente a forma da sola e, segundo alguns pesquisadores, apresentaria uma antigüidade de 15 milhões de anos.

Além do mais, foram realizadas outras tantas descobertas fantásticas, como os ossos de um homem gigante, em 1936, pelo antropólogo alemão dr. Larson Kohl, no lago Elyasi, na África Central. Assim como a dos alemães drs. Gustav von Konizwald e Franz Weidenreich, que acharam em Hongcong, por sua vez, o esqueleto de um outro homem gigante, vindo de encontro aos fósseis descobertos nos Estados Unidos e Espanha.

A presença de seres humanos em períodos tão remotos, implica, obviamente, uma presença alienígena ou, numa outra hipótese, na qual teríamos que pensar que existiu uma outra humanidade anterior a esta, o que resulta mais difícil de considerar. O fato de existirem marcas dessa presença sugere que permaneceram em nosso mundo por algum tempo determinado, razão pela qual deveriam também existir vestígios de instrumentos, aparelhos ou até de construções utilizadas por essas entidades.

Segundo o investigador norte-americano, sr. Ronald J. Willis, no dia 13 de fevereiro de 1961, um grupo de jovens, composto por Mike Mikesell, Wallace A. Lane e Virginia Maxey, proprietários de uma loja de pedras e cristais semipreciosos em Olancha, na Califórnia, encontraram próximo do lago Owens, a uns 1.300 metros sobre o nível do mar, uma peça singular e curiosa. Tratava-se de um tipo de geodo, ou pedra oca, com fragmentos de fósseis aderidos na capa externa e estranhamente mais pesada que o normal. Quando tentaram cortá-lo ao meio de forma convencional, a serra ficou danificada, demonstrando que alguma coisa dura e diferente se encontrava em seu interior. Após grande esforço e utilizando uma serra de diamante, o geodo foi dividido ao meio. Em seu interior, revelou-se depositada uma estrutura de porcelana ou cerâmica circular, tendo em seu centro uma vareta metálica de 2 mm de diâmetro, terminada em uma espécie de espiral ou algo similar, difícil de definir, dado o estado de deterioração; tudo isso envolto num estojo hexagonal de um material não-identificável, pois estava praticamente desintegrado, restando, tão-somente, a marca da forma. Radiografado, o objeto contido no interior da pedra apresentou características evidentes de ser um objeto manufaturado, produto de uma tecnologia. De acordo com as pesquisas que foram realizadas a partir do achado, o dr. Willis concluiu que o objeto apresentava todas as características de uma vela de ignição para um motor a explosão, porém, a sua antigüidade poderia ultrapassar, tranqüilamente, 1 milhão de anos.

Um outro caso também extraordinário é a chamada "estatueta de Nampa", uma pequena figura de argila de 2 cm apenas, encontrada em 1889, no povoado de Nampa, em Idaho, nos Estados Unidos, a uma profundidade de 90 metros. Esse objeto foi pesquisado pelo dr. Kuntz, do Museu de Devis Park, que o datou com pelo menos 1 milhão de anos. Em 1851, na pequena cidade de Whiteside Country, Illinois, nos Estados Unidos, foram achados dois pequenos anéis de cobre a uma profundidade de 36,5 metros, e, mais tarde, em junho do mesmo ano, uma explosão na cidade de Dorchester, Massachusetts, colocou à superfície, no interior de um sólido bloco de pedra, um sino incrustado, adornado com motivos florais e feito de metal. Já em 1871, nas proximidades de Chillicote, no Estado de Illinois, foi encontrado, a mais de 40 metros de profundidade, um disco de bronze reduzido a uma forma quase irregular. Na mesma linha, em 1885, numa mina austríaca, foi achado um curioso cubo metálico num estrato carbonífero, da-

Geodo descoberto em um lago a 1.300 metros do nível do mar

tado do período Terciário, o qual se encontra hoje no Museu de Salisbury. As características do achado colocam o objeto em questão numa antigüidade não menor a 70 milhões de anos. E, para finalizar, temos um outro achado não menos curioso totalmente fora de época. O mesmo ocorreu em 1869 nas "Galerias da Abadia", de Treasure City, em Nevada. No interior de uma rocha, foi encontrada a marca de um parafuso de 5,08 cm de comprimento, que se desgastou a ponto de desintegrar-se e deixar o molde de sua antiga forma. O achado foi pesquisado pela Academia de Ciências de São Francisco, sendo que a entidade não conseguiu chegar a nenhuma conclusão, provocando apenas uma enorme repercussão no cenário científico.

A presença de sociedades mais avançadas resulta evidenciada pela constante descoberta de fósseis e objetos fora do seu tempo, dando a entender que o nosso planeta foi habitado por um longo período por entidades anteriores ao homem. Mas seria possível achar mais evidências da passagem dessas entidades pelo nosso mundo?

REGISTRO DE VISITAS

A superfície do nosso planeta tem mudado muito nesses milhões de anos, o que dizer então dos últimos 18 mil anos em que o mar aumentou seu nível em pelo menos 100 metros, colocando muitos sítios arqueológicos debaixo dos oceanos. Inclusive não somente o mar esconde hoje grandes jazidas de objetos pré-históricos, mas também os vulcões se encarregaram de fazê-lo. A própria superfície do planeta Terra pode estar escondendo, neste momento, incríveis segredos, como já foi descoberto ao longo desses últimos séculos. Tal é o caso da descoberta em 1711 das cidades de Herculano e Pompéia, sepultadas por uma erupção do Vesúvio, na Itália, no ano 79 d.C., sendo que, até esse momento, se desconhecia a sua existência. Ou até do caso da desaparecida cidade de Akrotire na ilha de Kallisté, descoberta em 1967 a mais de 9 metros de profundidade, sepultada por uma explosão vulcânica no ano 3.500 a.C. sendo a sua existência um grande achado, já que não se conhecia nada a seu respeito. Quantas cidades ou lugares devem encontrar-se sepultados pelo tempo, aguardando a sua descoberta?

De qualquer forma, devemos pressupor que, se essas entidades perambularam pela superfície da Terra em diversas épocas, em algum momento travaram contato com o homem primitivo. Se isso realmente ocorreu, evidências desse relacionamento teriam que aparecer. E isso não é um trabalho difícil, bem ao contrário, pois os registros de pinturas rupestres em cavernas têm reunido uma incrível coleção de imagens curiosas e insólitas. Sabemos perfeitamente que, durante o período paleolítico (aproximadamente há 2 milhões de anos), o homem utilizou como refúgio único que tinha a sua disposição, as cavernas, defendendo-se contra ursos, leões, tigres e demais predadores. Nesses lugares, se desenvolveram atividades não somente domésticas, típicas da sobrevivência, mas também diversos rituais mágicos e cultos religiosos. Dessa forma, em muitos desses lugares, foram gravadas nas paredes e nos tetos pinturas concretas e abstratas, cujo conteúdo retratava um pouco daquele período.

Os achados rupestres permitem reconstruir, em muitos casos, a vida de alguns grupos, assim como tomar conhecimento de seus mitos e crenças. Por outro lado, também têm permitido a descoberta de imagens que fogem totalmente de qualquer coisa conhecida na época ou do seu tempo.

Em muitas cavernas, junto às tradicionais representações de animais, atividades domésticas, rituais, etc. vêm surgindo figuras humanóides e estranhos objetos de incômoda e difícil identificação. Um desses casos foi investigado, em 1838, nas regiões de Kimberley, na Austrália. Nessa localidade, se descobriram as chamadas Wondjinas, algumas extraordinárias pinturas consideradas sagradas pelos aborígenes. No local, é possível distinguir claramente um grande número de figuras antropomorfas, que deixam a idéia de serem apenas bustos. As mesmas aparecem pintadas às vezes em grupo ou em fileira. O efeito que essas imagens provocam, conforme comenta o escritor John Michell, é o da figura de um homem vestindo uma máscara contra gás de cor

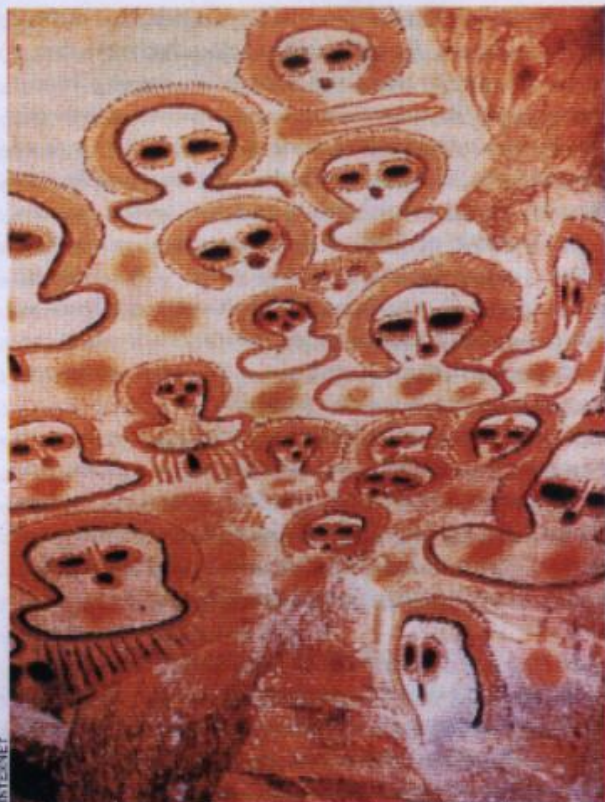
Figura que acompanha a crucificação de Cristo na pintura no mosteiro da Ioguslávia

branca. O investigador George Grey constatou que as Wondjinas não apresentam boca e os olhos são grandes e desproporcionais; algumas possuem uma espécie de halo púrpura, o qual se assemelha muito ao tipo de halo colocado na cabeça dos santos nas imagens católicas. Segundo os aborígenes locais, o halo significa a confirmação de que aqueles seres ali representados são entidades superiores. De acordo com as pesquisas do professor Homet em relação ao material orgânico utilizado na elaboração das pinturas, a sua antigüidade está bem próxima dos 10 mil anos. Numa outra região australiana, investigada pelos irmãos Leyland, foi descoberto um petróglifo de quase 20 mil anos, onde pode ser observada uma entidade vestindo um tipo de capacete e trajando uma roupa com um zíper frontal. O ser se encontra no interior de uma semi-esfera apoiada num tripé.

INTERPRETAÇÃO DAS LENDAS

O mais curioso de tudo é que as mesmas imagens encontradas em Kimberley também se encontram espalhadas por diversos outros lugares da Austrália, inclusive foram encontradas até na Nova Zelândia. O interessante é que praticamente todas as pinturas datam aproximadamente do mesmo período e é de pressupor que, dificilmente, alguém naquela época teria saído vagando por toda a Austrália e atravessado um oceano infestado de tubarões para chegar até a Nova Zelândia e pintar a mesma imagem em algumas cavernas. Resultaria mais fácil pensar na possibilidade de que o modelo que gerou a pintura tivesse a habilidade de locomover-se facilmente, razão pela qual foi ou foram registrados pelos grupos humanos locais.

Ao redor do mundo podemos encontrar registros similares. Tal é o caso das pinturas encontradas nas cavernas de Varzelândia, em Minas Gerais, onde podem ser claramente identificados desenhos que lembram perfeitamente discos voadores e esquemas da composição do nosso sistema solar, até com a relação proporcional de distanciamento entre os planetas; ou, das 17 grutas da faixa franco-catábrica (França e Espanha) que se estende desde a zona atravessada pelo rio Vézere, próxima a Limousin, na França, até as regiões de Altamira, em Santander, na Espanha. Nesse outro caso, a arte das pinturas franco-catábricas se distingue, fundamentalmente, pelo seu realismo, à diferença de outros grupos. Em todas as cavernas investigadas pelo pesquisador Aimé Michel, especificamente nessa área, existem pelo menos dúzias de objetos de difícil explicação, bem ao lado de animais e elementos típicos da época e da região. Em muitos casos, é possível distinguir objetos em forma de sino, chapéus, setas, retângulos, cúpulas e até objetos com patas. Um dos grandes investigadores espanhóis, sr. Antônio Ribera, tem-se referido às pinturas da caverna de La Pasiega, na localidade de Puente Viesgo, Espanha, como sendo a silhueta de um obje-

INTERNET

Máscaras contra gás e halo púrpura em bustos de 10 mil anos

to muito similar ao disco voador fotografado em 1952 pelo sr. Ed Keffel na praia da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Outro local de grandes e majestosas revelações tem sido as cavernas de Altamira. Essa gruta espanhola, descoberta em 1877, é considerada como uma das melhores coleções de arte pré-histórica da Península Ibérica. As pinturas de Altamira, localizadas próximas à região de Santillana del Mar, em Santander, possuem uma antigüidade de 20 mil anos. No interior da caverna, é possível observar claramente a presença de estranhos objetos em formas variadas, desenhados com tinta vermelha.

Alguns pesquisadores, mais arrojados, aventaram a possibilidade de que alguns dos desenhos de Altamira apresentem semelhança com os encontrados na região de Tassili, no Saara argelino. Nesse lugar, mais de 5 mil pinturas foram descobertas e identificadas pelo pesquisador Henri Lhote em 1933, batizando alguns desses trabalhos pré-históricos como "os marcianos". As paredes de Tassili, situadas numa plataforma arenosa de 800 km de longitude por 60 km de largura, apresentam uma detalhada informação sobre o homem pré-histórico daquela região. Nos murais, é possível identificar perfeitamente a fauna local do período, além dos procedimentos de caça e as armas utilizadas. Porém, ao lado dos caçadores, existem desenhos de seres de enormes cabeças arredondadas, providas de apenas um úni-

co olho. Alguns investigadores mais cautelosos sugerem que os desenhos representam homens com algum tipo de máscara cerimonial cumprindo algum ritual. Mas ocorre que também os desenhos de Tassili encontram seus similares nas regiões de Kimberley, na Austrália.

Se tudo isso parece algo fora da realidade, devemos parar e concentrar-nos nos achados realizados na região de Fergana, no Uzbequistão, antiga ex-União Soviética. Nessa localidade, o arqueólogo russo Gueorqui Chatseld encontrou, numa das cavernas, um desenho extremamente incrível: a imagem de um ser que lembra um misto de anjo e demônio, segurando, na mão esquerda, um disco com desenhos em seu interior dispostos em espiral, além do mais, ao seu lado e ao fundo, podia ser observado um outro ser, menor em tamanho e com antenas na cabeça, vestindo uma roupa de astronauta e um disco voador, perfeitamente elaborado, na situação de decolagem. Quando Chatseld viu, pela primeira vez, a pintura, pensou que se tratava de algum trote ou piada dos moradores locais, motivo pelo qual, de imediato, não devotou maior atenção. Mas, particularmente curioso, passou a retirar amostras da tinta empregada para realizar a obra, levando, como conseqüência, uma enorme surpresa: a pintura apresentava uma antigüidade superior aos 12 mil anos. Por essa razão batizou a pintura de "o homem de Marte". No jornal de maior credibilidade soviética, o *Pravda Vostoka*, na edição de 17 de janeiro de 1965, comparava a pintura de Fergana com um outro achado pré-histórico descoberto em 1956 na região dos Alpes italianos, nas proximidades de Val Camonica, por um arqueólogo francês. Vale destacar que as pinturas italianas apresentam, claramente, as figuras de dois seres utilizando nítidos capacetes transparentes, além de curiosos objetos em suas mãos.

Por outro lado, a pintura de Fergana recebeu um outro importante apoio de caráter extraordinário. E isso veio da China. Nas cavernas da região de Baiam-Kara-Ula, próximas ao Tibete, o arqueólogo chinês professor Tsum-Um-Nui, da Universidade de Pequim, descobriu em 1965 um total de 716 discos de granito em cuja superfície se encontrava gravado um grupo de sulcos e símbolos organizados em espiral, cuja antigüidade beirava os 12 mil anos. De igual modo que o desenho de Fergana, os discos apresentavam um furo no centro e um tamanho similar. Segundo o professor, a tradução dos símbolos se referia a uma antiga cultura chamada de Ham, que narrava a chegada dos seus deuses, vindo esses montados em grandes objetos semelhantes a carros de fogo, chamados de Dropas. O texto rezava que os deuses não retornaram para seus lugares originais, permanecendo definitivamente entre os locais.

Atualmente, existem, nas redondezas, duas tribos de características mongóis, chamadas Dropas e Ham, sendo que nenhuma delas ultrapassa a medida de 1,27 metro. Conforme narra a lenda dessas duas culturas, em tempos remotos, os deuses, seres de baixa estatura, chegaram dos céus à Terra e se misturaram com os moradores locais ao longo do tempo, sendo os Dropas e os Ham descendentes dessas entidades.

Os discos de pedra achados nas cavernas de Baiam-Kara-Ula foram investigados e submetidos a diversos e rigorosos testes. As características materiais dos mesmos apresentaram um grande percentual de cobalto na composição, além de detectar-se a presença de uma tênue, mas persistente, atividade elétrica na estrutura. A descoberta foi completada mais adiante, com o achado de restos parecidos a huma-

Pintura de um tapete medieval do século XV

nos, nas cavernas próximas da região. As ossadas revelavam seres de aspecto curioso, pois seus crânios eram desproporcionais em relação ao tamanho do corpo. Mais pareciam crianças com síndrome de hidrocefalia do que humanos normais, porém, a antigüidade também se encontrava batendo os 12 mil anos. Nenhum pesquisador se atreveu a dar uma opinião conclusiva em relação à descoberta, atribuindo o achado dos corpos ao de crianças anormais que teriam morrido naturalmente ou sido sacrificadas.

Em 1952, foi estabelecido o primeiro contato do mundo civilizado com a tribo dos caiapós, que habitam as regiões do Alto Amazonas, no Brasil. Esse grande passo na aproximação de duas culturas revelou alguns aspectos insólitos e curiosos, que permitem, tranqüilamente, especular a respeito.

João Américo Peret, um dos mais renomados indigenistas, pesquisou profundamente a cultura caiapó, descobrindo mitos e lendas, em sua maioria responsáveis por um grande número de rituais e cerimoniais. Uma dessas lendas, em particular, conta que um dia, bem nos tempos antigos, houve um forte tremor de terra, surgindo muita fumaça e fogo, bem no topo de uma montanha. Toda a tribo, apavorada, refugiou-se no interior da aldeia. Alguns dias passados, jovens guerreiros teriam conseguido coragem para investigar o ocorrido, dando de encontro com um estranho homem. Segundo associaram, esse homem teria vindo com o tremor de terra, razão pela qual deveriam destruí-lo. Porém, seus machados, lanças, flechas e dardos nada puderam contra esse ser, o qual zombou de sua impotência. Segundo narra a lenda, o visitante permaneceu por longo tempo entre os caiapós, vindo a aprender a sua língua e, aos poucos, foi ensinando-lhes algumas normas de conduta, técnicas de agricultura, formas de caça, enfim, transmitiu para o povo toda a sua sabedoria. O visitante era conhecido pelo nome de Bebgoróroti, que significa "velho do cosmo". Porém, um dia, Bebgorótoci vestiu novamente suas estranhas roupas brilhantes, afirmando que seu tempo se esgotara e que teria que retornar ao seu lugar de origem, pois em breve viriam procurá-lo. Na oportunidade, despediu-se e solicitou para que ninguém o seguisse até a montanha. Mas alguns jovens e curiosos guerreiros o seguiram, desrespeitando a ordem. Os jovens contemplaram a fumaça novamente e ouviram o estrondo da terra, observando como o sábio visitante retornava para o céu de onde tinha vindo. A partir daquele dia, e em sua homenagem, os caiapós passaram a reproduzir as vestes de Bebgoróroti, lembrando-o em suas festividades. As roupas de palha, utilizadas nas festividades, deixam patente a imagem de uma roupa de astronauta, já que esse povo vivia quase que literalmente nu.

Além do mais, existe uma infinidade de registros artísticos como cerâmicos, esculturas e pinturas em tecido, que apresentam figuras curiosas e estranhas para a época. Tal é o caso dos cerâmicos da cultura Jama Coaque, descobertos no Equador, cuja antigüidade resulta ser pré-colombiana, provavelmente por volta do ano 1000. Ambas as estatuetas representam uma entidade vestindo uma roupa pesada, assim como um elmo cobrindo a cabeça e uma mochila nas costas. O elmo deixa claro que apenas o rosto se encontra à mostra. As características dessas pequenas estatuetas apresentam uma incrível similaridade visual com a reprodução de um astronauta, com direito a mochila de sobrevivência, botas e capacete com visor transparente. Ou como os cerâmicos Tolima, da Colômbia, que lembram perfeitos discos voadores.

Tudo isso pareceria mera loucura ou um incrível exagero de imaginação, se não existissem formas de provar que, em tempos remotos, realmente ocorreram fenômenos apenas explicáveis pela presença de civilizações mais avançadas.

Diversos tipos de registros têm permitido tomar conhecimento do que ocorreu no passado, descobrindo por exemplo que, por volta do ano 2345 a.C., subiu ao trono o imperador Yao, da dinastia Chou. Nesse período, os manuscritos Chaung-Tzu no capítulo 2; Liu-Shi-Chun Chiu volume XII e capítulo 5; o Huainan-Tzu no capítulo 8, relatam vários incidentes de características insólitas vividos pelo imperador Yao, sendo dentre elas a menção do seu curioso rapto pelos deuses e a passagem de estranhas bolas de fogo pelo céu. Além do mais, temos também a narrativa de que, no ano 42 do seu reinado, uma estranha estrela desceu do céu até a cratera de um vulcão. Sendo que no ano 70 do seu governo, a estrela emergiu da cratera do mesmo vulcão em direção ao céu de onde tinha vindo.

Em função disso tudo, seria possível crer que em tempos remotos, até anteriores ao homem, uma ou mais civilizações de origem extraterrestre teriam vindo ao nosso mundo?

É perfeitamente possível.

Restos fósseis, pinturas rupestres, petróglifos, ossadas, documentos, enfim, registros existem em quantidades enormes, ofertando a possibilidade de pensar que, um dia, o nosso passado pôde ter sido visitado por uma pequena amostra do nosso próprio futuro.

Capacetes transparentes nos seres representados na pré-história

Os deuses extraterrestres

As lendas e os mitos das antigas civilizações americanas remetem aos homens do espaço

C R P WELLS

Nas ruínas Incas de Macchu Picchu, a possível presença dos alienígenas

A presença extraterrestre em nosso mundo não se deu apenas ao longo da pré-história, como pudemos perceber. Sua presença aparece constantemente ao longo da história, influenciando, sobremaneira, grande número de culturas. E isso é de fácil comprovação.

Há mais de 500 anos, dois homens pertencentes a mundos completamente diferentes se encontraram frente a frente. Cada um deles, separados um do outro pela cultura, pela distância e pelo conhecimento, se reuniram num determinado dia, sendo que o morador da região fez o seguinte pronunciamento ao visitante: "...Há cinco, talvez dez dias, eu me encontrava angustiado. Tinha fixo o olhar na Região do Mistério. E você chegou entre nuvens, entre as trevas. Como isso era o que nos deixaram dito os reis, os que comandaram, os que governaram tua cidade; que chegarias aqui...Pois agora está realizado: você chegou, com grande fadiga, com grande entusiasmo vieste. Chega até tua terra: vem e descansa; toma posse de tuas residências reais; acalma o teu corpo. Cheguem à tua terra, senhores..."(registro de frei Bernardino Sahagún, no livro *História Geral das Coisas de Nova Espanha*).

O pronunciamento de boas-vindas aqui apresentado foi declamado por Moctezuma Xocoyotzin, rei e sumo-sacerdote do império de Thenochtitlan, fundado em 1325 no lago Texcoco, atual cidade do México, para o seu conquistador Hernán Cortés, em 1520.

Não é possível medir a repercussão que esse encontro teve na conquista do México, mas está perfeitamente claro que os conquistadores que acabaram de chegar não foram recebidos como inimigos potenciais, mas reconhecidos como aqueles que, segundo as velhas e antigas tradições relatavam, deviam chegar e tomar conta do que lhes pertencia, sendo que os astecas o haviam conservado até o seu retorno.

O próprio Hernán Cortés assim o comentou para o imperador Carlos V, numa carta escrita no dia 30 de outubro de 1520. E foi dessa mesma forma que os cronistas Francisco López de Gómara e frei Bernardino Sahagún o registraram.

O comportamento dos astecas não foi único em relação à conquista da América. De igual forma, o império inca padeceu do mesmo mal. Quando o conquistador espanhol Francisco Pizarro chegou ao Peru em 1532, o império do Tahuantinsuyo foi logo comunicado da presença de homens brancos, provocando um enorme alvoroço. Segundo uma lenda local, circulava naquela época a seguinte profecia: "...Já não é mais tempo de falar de nenhum governo, pois os Viracochas chegarão sem demora para governar num reino em nome de

um grande senhor todo-poderoso..." Essa informação profética foi obtida no oráculo da Huaca Pariacaca, após um interrogatório realizado pelo imperador inca Huayna Capac, com o objetivo de saber a respeito do futuro do império e de seus dois filhos Huáscar e Atahualpa. Segundo o historiador indígena Huaman Poma de Ayala, outras lendas comentavam ainda sobre a vinda em tempos muito remotos de deuses cuja pele era branca, chamados de "Viracochas", em homenagem ao deus criador. Os espanhóis de imediato foram associados aos antigos deuses, tanto que Felipo, um indígena capturado e utilizado como intérprete, considerava, até um determinado momento, que estava prestando serviços aos próprios deuses, desejando com isso colaborar contra Atahualpa, que nesse momento ambicionava para si todo o império, mesmo que para isso tivesse que assassinar seu irmão Huáscar, toda a família dele e seus seguidores.

Por essa razão foi que Pizarro, quando entrou na cidade de Cajamarca, teve facilidade em prender Atahualpa, já que, tanto o inca como todos os seus guerreiros temiam qualquer reação dos espanhóis, segundo nos conta o cronista Cieza de Leon.

Num trecho dos registros realizados por Francisco López de Gómara durante a conquista do México, consta o seguinte: "...E das naves afirmavam que vinha o deus Quetzalcoatl com seus templos nas costas, que era o deus do ar e que havia ido embora, mas lhe aguardavam".

Um astronauta e a peça de cerâmica: semelhança nos trajes espaciais

Os astecas chamaram os conquistadores de "teteuh", que significa "deuses", porque isso significava para eles de igual forma que os incas chamaram de "Viracochas" aos seus respectivos dominadores. Mas, como Pizarro, seus irmãos e seus generais, no Peru, o conquistador Pedro de Alvarado perpetrou as mais absurdas violências no México na ausência de Cortés. Frente a tudo isso, tanto os méxica (astecas) como os incas abandonaram gradualmente a idéia de considerar os conquistadores deuses, vindo a chamá-los de "bárbaros".

No caso dos astecas, o nome do famoso deus Quetzalcoatl, significa "serpente emplumada", e seu culto parece ter existido ao longo de toda a América Central. Para todas essas culturas, Quetzalcoatl era uma das principais divindades, tendo seu templo no centro de Thenochtitlán. Porém, pelo que se conhece, seu culto já era bem mais antigo. Em tempos do início do império mexicano, os astecas encontraram na cidade abandonada de Teotihuacán, um enorme e imponente templo desse deus. Segundo narra a história, os astecas ficaram impressionados pela sua beleza e grandiosidade, denominando o lugar com o nome de Teotihuacán, que em língua náhuatl significa: "lugar onde os homens se transformam em deuses". Vale destacar que, tanto os maias, como os náhuatls, os olmecas e a maioria das culturas tiveram nesse deus seu principal benfeitor.

Quetzalcoatl foi tido como um deus relacionado com a vida, a criação e a renovação. Mas também foi sempre associado ao ar, ao vôo e ao céu. Tal é o início do nome "Quetzal", o qual obedece à denominação de uma ave sagrada de maravilhosas penas. Essa ave simbolizava, para os maias, o céu e o cosmos, além das penas simbolizarem o vôo. Um outro aspecto interessante é que, como os deuses incas, Quetzalcoatl pertencia a uma raça diferente.

A falta de documentos escritos obrigou os historiadores e investigadores da época a procurar as tradições orais. As lendas e mitos recolhidos em língua náhuatl pelos cronistas, acabou resultando numa mistura cultural de origem bem primitiva. Segundo essa recopilação, Quetzalcoatl resulta ser um deus responsável pela fertilidade das águas, da força renovadora, da natureza e, ao mesmo tempo, todo o conhecimento espiritual e transcendental. Entre os maias, também era conhecido por Kukulcán, o deus dos ventos que abria caminho em meio às tempestades, sendo ao mesmo tempo um valente aventureiro, sempre triunfante nas batalhas e nos desafios.

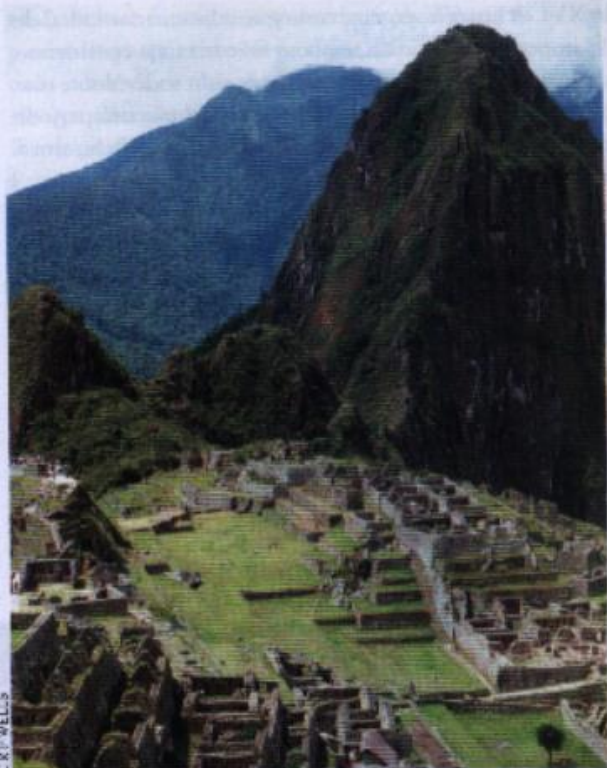
Algumas tradições toltecas proporcionam a esse deus o nome de Ce-Acatl, sendo filho de Mixcoatl ("serpente das nuvens") e de Chilmalma ("escudo estendido"). Noutras palavras, seu pai era do céu e sua mãe da Terra. Segundo narra a lenda, Ce-Acatl Quetzalcoatl passou grande parte dos primeiros anos de sua vida preocupado pela identidade do seu pai, a quem nunca conheceu. De acordo com as tradições, parece que o seu nascimento ocorreu por volta do ano 843 d.C., vindo a governar por volta do ano 977 d.C., o que significaria que subiu ao trono com 134 anos. Embora a sua origem seja um mistério, não podendo precisar a época exata do seu reinado, está perfeitamente claro e registrado o efeito que provocou sobre os toltecas e as culturas posteriores. O período do seu governo permanece na lembrança como uma

época dourada, repleta de paz e harmonia jamais igualada. Por ser metade humano e metade deus, foi tentado pelo demônio Tezcatlopoca, seu eterno inimigo, tornando-se com o tempo vaidoso, caindo facilmente nos vícios vulgares como a bebida e a luxúria. Porém, foi por pouco tempo, reagindo logo depois e, ao tomar consciência de seus excessos, considerou que sua missão no mundo havia fracassado, vindo a abandonar a tudo e a todos. Seguido apenas pelos seus discípulos, rumou em direção ao leste, vindo parar nas costas do México. Arrependido pelos seus atos, prometeu retornar um dia e redimir-se, vindo a transformar-se em fogo, e apenas seu coração voltou para o céu, o qual se converteu na estrela da manhã, isto é, o planeta Vênus.

O final narrado na lenda pode ser interpretado como apenas um mero simbolismo: o fogo como elemento purificador, sob o qual a parte divina retorna a sua origem celestial. Mas também poderia se pensar num evento de características espaciais, interpretado apenas por testemunhas ignorantes. Poderíamos imaginar Quetzalcoatl ingressando num veículo espacial, iniciando a disparada dos foguetes e, gradualmente, se distanciando no espaço até parecer apenas um ponto brilhante no infinito, deixando estarrecidos os limitados espectadores. É claro que um arqueólogo tradicional dificilmente poderia cogitar essa última hipótese. Se realmente foi dessa forma, resulta ser uma grande possibilidade, já que, normalmente, um ser mítico é, na maioria das vezes, enaltecido e colocado numa condição supra-humana, inclusive, em relação à beleza e à capacidade. No caso de Quetzalcoatl, seu passado é o de um homem feio aos olhos dos indígenas, pois é de pele branca, barba cerrada, elevada esta altura e com algumas grandes qualidades, e que é capaz de errar, prometendo um dia retornar. Foram esses os argumentos que fizeram os astecas acreditarem que os conquistadores eram, na verdade, os emissários de Quetzalcoatl, já que o mesmo desapareceu, prometendo retornar num ano Ce-Acatl; data em que, coincidentemente, ocorreu, para a desgraça geral, a chegada dos espanhóis.

Embora os arqueólogos se empenhem fortemente em negar a possibilidade da troca cultural entre grupos europeus com os impérios asteca, maia, olmeca, tolteca e inca, os mitos e lendas existentes entre esses grupos persistem em incluir a presença de homens brancos nas suas estórias, embora os mesmos sejam providos de poderes extraordinários e conhecimentos além de qualquer questão. Até hoje, não foi confirmada a presença de vikings ou de outras colonizações na América Central ou no do Sul, porém, existem os relatos dos cronistas que contam do achado dos "guanches", uma tribo de homens loiros, brancos e altos que foi exterminada pelos conquistadores na sua chegada no Caribe.

Seja como for, esses homens especiais se distinguiram totalmente dos demais, não por serem brancos apenas, mas

C KIP WELLS

Ruínas: idéias urbanas avançadas para a época

por ofertarem um vasto conhecimento, capaz de promover incríveis mudanças culturais e tornar um pequeno grupo sedentário num grande e poderoso império, num curto espaço de tempo.

FORA DO COMUM E CAPAZES DE INCRÍVEIS EFEITOS

Como já vimos anteriormente, o benefício da confusão trouxe uma enorme vantagem aos conquistadores. A esse respeito, Francisco Pizarro numa de suas cartas para a Espanha narra o seguinte: "...A classe dirigente do império do Tahuantinsuyo era de pele clara e cabelo loiro-escuro, algo assim como a cor do trigo maduro. Os grandes senhores e as damas eram, na sua maioria, brancos como os espanhóis. Naquele país encontrei uma índia com seu filho, que tinha a pele tão branca que apenas teria podido distingui-la da gente branca e loira. Deles, se comentava que eram 'filhos dos deuses'".

Dessa forma, Francisco Pizarro descreveu os antigos membros da dinastia inca, isto é, da dinastia dominante, todos eles no passado, racialmente diferenciados dos demais membros dos povos desse país e reconhecidos portanto como deuses. Deuses esses que, como tais, tiveram uma genealogia original e fora do comum, sendo capazes de incríveis feitos.

A origem dos incas mal pode ser localizada no tempo, já que não existe sequer consenso em relação ao tempo que durou o império. Apenas se sabe com certeza que se encontravam no poder no período da conquista do Peru, no sécu-

lo XVI. A história, porém, consegue relacionar um total de 13 imperadores ou incas, embora hoje se esteja considerando que, na verdade, possam não ter sido indivíduos, mas dinastias. O que de imediato pressuporia não um período de três a quatro séculos de dominação, mas, talvez, um a dois milênios desde a sua origem e fundação.

Poucas e curtas foram as informações que puderam ser coletadas a respeito das origens e desenvolvimento do império inca. Os cronistas espanhóis pouco puderam reunir ao longo de sua infrutífera tentativa de catequese. Mas conseguiram reunir, pelo menos, uma maravilhosa e interessante coleção das características que destacaram os responsáveis pelo início de cada dinastia.

Segundo narram as lendas peruanas, logo depois de concluir o último e terrível dilúvio universal (Uno Pachacuti), do interior de uma caverna numa montanha distante, surgiram quatro homens e quatro mulheres, chamados de irmãos Ayar. Conforme nos comentam as lendas, enorme era o seu poder e grandes suas realizações. Voavam dos céus para a Terra, vestindo roupas de uma textura jamais vista até então e com suas fundas lançavam pedras que traspassavam as montanhas, transformando-as em quebradas. Eles carregavam consigo uma caixa, em cujo interior se encontrava uma ave que possuía o poder de falar.

Nesse tipo de tradição mitológica, é difícil distinguir onde começam ou terminam os fatos e se dá espaço às fábulas. É claro que, de forma conservadora, poderíamos afirmar que toda a narrativa da lenda é apenas um enunciado de fantasias descabidas. Porém, se despojados de qualquer preconceito interpretássemos o conteúdo dentro da ótica de ignorantes indígenas frente a miraculosas manifestações, não poderíamos desprender de tudo isso a possibilidade do relato de entidades com o poder de voar, de utilizar radiotransmissores, armas cujos projéteis tivessem um grande poder de fogo e cujas roupas fossem de um acabamento jamais visto, tudo isso fruto de uma civilização e tecnologias fora do seu tempo?

Providos de tudo isso, os quatro casais Ayar, passaram a organizar as tribos que encontraram em seu caminho, impondo normas de conduta e melhorando grandemente sua condição de vida. De acordo com a lenda, eles teriam trazido o milho, responsável pelos assentamentos sedentários de grandes grupos humanos na América. E isso é algo sumamente interessante, já que, até hoje, não existe um consenso científico para explicar o aparecimento do milho, e, mais ainda, de por que apenas nas regiões andinas existem tantas variedades na cor, gosto e tamanho, totalmente diferentes de qualquer outra encontrada na América. Inclusive, sabemos hoje que os cereais são produto da natureza, à diferença do milho, já que o mesmo é o possível fruto de longos processos de hibridagem e manipulação, resultando num produto artificial, incapaz de reproduzir-se por si mesmo.

Para os antigos mexicanos e peruanos, a origem do milho era apenas uma, resultava num presente ofertado pelos deuses aos homens. Seja como for, os cientistas não conseguem explicar a presença do milho no planeta, mas persistem em descobrir a sua origem, chegando a elaborar um grande conjunto de teorias, dentro das quais atribuem o seu passado a um distante parente silvestre, chamado de milho teosinte ou do tunicado. É possível imaginar que realmente o milho evoluiu de um parente distante e diferente, o curioso seria saber como que um grupo de ignorantes indígenas, quase sedentários, tiveram a habilidade e o conhecimento suficientes para alterar geneticamente um cereal primitivo a ponto de transformá-lo num produto final de excelentes características alimentares e, ainda mais, produzir do mesmo um enorme grupo de opções totalmente diferenciadas. Por outro lado, se esses ignorantes indígenas não o fizeram, quem o fez?

De qualquer forma, caberia analisar o fato de que todas as culturas americanas, sem qualquer restrição, atribuem uma procedência divina ao milho, e isso deve ter alguma razão. Cabe relembrar que, excluindo o milho, todos os demais alimentos consumidos pelos indígenas americanos, incluindo a folha da coca, jamais tiveram qualquer atribuição a uma origem divina ou sobrenatural. Por que fazê-lo apenas com um único alimento e isso ser o geral em toda a América?

Um outro aspecto interessante de ser analisado reside no fato de que sempre consideramos os homens antigos como criaturas completamente ignorantes e carentes de sentido comum. Porém, frente a essa colocação existe um nítido e evidente paradoxo, dado o parque de monumentos e construções que hoje podemos observar ao longo de toda a América e do mundo em geral. Vestígios evidentes, de fato, da presença de uma tecnologia construtiva que foge completa-

Por toda a parte há vestígios de uma técnica construtiva que desafia qualquer engenhosidade: Observatório de Chichen Itsa; Kukulcan e Teotihuacan

mente do banal, e que desafia qualquer engenhosidade, dada à falta de recursos e meios como aqueles de que hoje dispomos. Seria possível imaginar esses homens realizando incríveis e complexos cálculos, tanto astronômicos como construtivos, sendo capazes de levantar templos de rocha pura no topo de altas e escarpadas montanhas, reorientar rios, construir pontes, trabalhar os metais e estruturar uma sociedade quase perfeita, onde não existia pobreza, miséria ou violência, e, ainda, chamá-los de supersticiosos ignorantes?

TRABALHO TOPOGRÁFICO PERFEITO

É difícil de acreditar que homens de semelhante nível fossem incapazes de identificar claramente, mesmo que isso demorasse, quem é um deus e quem não passa de um aproveitador. Nesse sentido, tanto Pizarro como Cortés que o digam, já que a sua divina hegemonia durou bem pouco tempo. Mas, acredito que, positivamente, seria possível de ocorrer que homens de capacidades realmente extraordinárias pudessem ser facilmente divinizados. E, nesse caso em particular, podemos observar que esses supostos deuses que visitaram as Américas e algumas outras partes do mundo antigo, mais se assemelhavam a técnicos qualificados e bem-intencionados que a meros espiritualistas doutrinadores.

E nesse sentido é possível exemplificar, facilmente, trazendo a nossa lembrança os restos de uma antiga cultura andina, ainda silenciosamente presente nos tempos modernos. Bem no planalto boliviano se levantam, maravilhosas e caladas, as evidentes estruturas de uma antiga e majestosa cultura chamada de Tiahuanaco. Segundo as tradições locais, foi nesse lugar que o deus Viracocha se instalou quando chegou na Terra. Desse lugar, numa época em que o Sol, a Lua e as estrelas não podiam ser vistos, planejou a criação do homem. Após algumas infrutíferas tentativas, dentre as quais podem ser incluídos alguns gigantes, optou pelo que parece ser uma constante entre os deuses criacionistas: fabricar o homem a sua imagem e semelhança. Depois do ato, Viracocha passou a ensinar a suas criações alguns conhecimentos técnicos, assim como as instruiu em relação a normas de conduta. Sua empreitada evangelizadora passou à posteridade como um mito, havendo sido pesquisada pela investigadora Maria Scholten de D'Ebneth.

De acordo com a tradição recolhida pelo cronista Betanzos, Viracocha enviou de Tiahuanaco dois emissários: um para o Contisuyo e o outro em direção ao Antisuyo (duas das grandes províncias em que mais tarde se dividiu o império inca do Tahuantinsuyo), sendo que ele próprio se dirigiu para Cuzco. O Contisuyo é o norte, e o Antisuyo é o oeste do Peru, o que significa a existência de uma orientação cardinal média em direção noroeste. O trajeto de Tiahuanaco em direção noroeste, leva impecavelmente até Cuzco e Pukara, sendo conhecido como a "rota de Viracocha". Pukara foi um centro fundado por Viracocha na sua passagem para Cuzco. Nesse lugar, depois de haver provocado a descida de fogo do céu e castigado os homens impuros que ali moravam, Viracocha decidiu enviar o mais velho dos seus filhos, Imaimana Viracocha, a um outro local, Pachacamac, com a missão de consertar os solstícios. O curioso de tudo é que, Pukara, centro importante na "rota de Viracocha", se encontra exatamente na reta entre Tiahuanaco e Cuzco, equidistando de ambos os lugares por 234 quilômetros exatamente. Depois do seu passo por Pukara e Cuzco, os cronistas afirmam que Viracocha continuou seu caminho em direção a Cajamarca. Ali, abandonou a rota em linha reta, a qual já se encontrava próxima dos mil quilômetros, rumando em direção a Puerto Viejo, no Equador, onde se despediu dos seus acompanhantes para logo perder-se no oceano Pacífico, caminhando sobre as águas.

Contado dessa forma nada tem de especial, mas se elaborarmos um traçado das direções, teremos um resultado curioso. Se traçarmos uma linha reta entre Tiahuanaco, Pukara e Cuzco, veremos que a sua projeção nos leva diretamente para Cajamarca, uma região considerada importante e sagrada nas atividades incas e local onde Atahualpa tinha um palácio, já que foi ali que Pizarro o capturou. Se a partir de Cuzco, e tendo a reta até Cajamarca como eixo (rota de Viracocha), abrirmos uma projeção para o oeste (Antisuyo) com um ângulo de 28 graus e 57 minutos, teremos, exatamente na reta, o grande centro cerimonial de Pachacamac, no litoral. Se fizermos a projeção de Tiahuanaco para o oceano Pacífico e a tivermos como eixo, abrindo para o norte a partir de Cajamarca uma projeção em linha reta com um ângulo de 28 graus e 57 minutos, teremos chegado ao grande centro. Se deixarmos de lado as valorizações simbólicas ou escatológicas, pensando apenas nas coordenadas apresentadas, a única conclusão possível é a de que a "rota de Viracocha" foi planejada por alguém que realizou um perfeito trabalho topográfico, já que as distâncias, que separam cada cidade umas das outras, estão repletas de enormes montanhas, vales gigantescos e um dos terrenos mais difíceis do planeta. Além do mais, é absurdo acreditar que nessa evidente concordância angular, tudo fosse apenas coincidência.

A presença de miraculosos deuses tem sido uma constante ao longo do desenvolvimento das culturas primitivas. Anteriormente vimos Quetzalcoatl e Kukulcan entre os toltecas, teotihuacanes, maias e astecas; e Viracocha entre os incas. Mas no caso dos povos mexicanos, Quetzalcoatl não foi o deus principal, apenas um deus secundário, muito mais próximo de um homem divinizado do que um deus universal.

Os toltecas adoravam Huitzilopochtli, uma entidade que passou a ser cultuada também pelos maias e astecas. Huitzilopochtli era o deus da guerra entre os toltecas, passando a divindade principal para os demais povos, sendo que, esse

deus, em particular, desempenhou um papel importante no desenvolvimento do antigo México. Foi por causa desse deus que os méxica (astecas) abandonaram suas terras e cidades para iniciar um êxodo similar ao que muitos séculos antes realizara o povo judeu.

Segundo os investigadores, foi por volta do ano 1111 d.C., quando se iniciou a grande viagem. Nessa data, Huitzilopochtli fechou uma aliança com o povo, mudando o nome de astecas para méxicas e, além de entregar-lhes um instrumento técnico, ordenou de imediato deixar Aztlán, lugar onde até então residiam, colocando-os a caminho de uma nova terra de fartura. Na crônica Mexicayotl, páginas 22 e 23, encontramos as palavras de Huitzilopochtli dizendo: "...Agora não sereis chamados de astecas, agora sois já mexicanos; então quando tomaram o nome de mexicanos, agora chamados de méxicas, lhes furou as suas orelhas e também lhes deu as flechas, o arco e a rede com que, o que percebiam do alto, conseguiam flechá-lo muito bem".

Durante 234 anos caminharam de um lado para outro. Algumas vezes detinham-se por alguns dias e, se o local era bom, permaneciam nele por vários anos. Assim como os judeus receberam no Sinai os seus mandamentos, os agora méxica os receberam no monte Teotilán, mas, à diferença da nuvem trovejante de Moisés, a receberam de um enorme e brilhante pássaro que falou em meio a uma tempestade de trovões e relâmpagos. Da mesma forma como Deus utilizou a Arca da Aliança para passar instruções ao seu povo, Huitzilopochtli fez o mesmo, utilizando uma caixa feita de juncos, transportada apenas por quatro sacerdotes e a que somente eles podiam ter acesso. Assim como os judeus tiveram a Moisés, os méxicas tiveram a Mexi, e, como os judeus, os méxicas tiveram um grande grupo de eventos cujas coincidências são extraordinárias como a saga do povo hebreu. A semelhança é tanta que quando os primeiros sacerdotes católicos tomaram conhecimento da história dos méxica, ficaram profundamente impressionados a ponto de considerar que os judeus poderiam ter chegado à América antes que eles.

Por outro lado, o mar cumpre também um papel interessante em todos esses mitos. Quetzalcoatl, assim como Viracocha, se despede próximo do mar, prometendo retornar algum dia. É o mesmo caso da lenda de Tacaynamo, o fundador da primeira dinastia chimú, no Peru, a qual narra o seguinte: "...O deus criador veio do mar e ensinou o povo de Yunca a construir cidades e templos. Ensinou também a abrir canais e ampliar os vales da costa para que cultivassem a mandioca, o milho, o algodão, a abóbora e as frutas". Similar a essa lenda, tem também a do deus Nai-Lamp ou Ay-Apaeq entre os mochicas, vizinhos dos chimús, que um dia veio do interior do oceano Pacífico montado num grande pássaro, vindo a realizar os mesmos feitos.

A falta de documentos escritos faz do passado americano um lugar propício para as especulações, já que está muito distante de ser linear e ordenado. Está certo de que não devemos encontrar por trás de cada máscara funerária um rosto extraterrestre ou um contato imediato pré-histórico, porém, existe um grande número de eventos e relatos que somente cobrariam sentido se entendidos sob essa ótica.

O passado americano encerra um enorme volume de aspectos e fatos não explicados. O clima que circunda os restos dessas maravilhosas cidades pré-hispânicas é de absoluto mistério. A presença de deuses extraterrestres, acompanhados por auxiliares ou apenas sós, não é simples especulação, mas um dado a mais a ser considerado dentro da enorme e ampla variedade de possibilidades. É o caso dos toltecas, dos maias, dos olmecas, dos pipiles, dos náhuatl, dos xiximecas, dos zapotecas e dos itzaes, na América meridional. De igual forma, não somente os incas foram conseqüência da visita de Viracocha, mas também os chavins, os mochicas e os chimús, no Peru pré-inca. Todas essas culturas tiveram enormes saltos culturais de forma incompreensível, devido à chegada de entidades divinizadas. O que resulta em algo impressionante, se observarmos que esse mesmo fenômeno também se repetiu em outras regiões da América, como no Canadá, onde os peles-vermelhas receberam a chegada do deus Glouskap e no Brasil com o deus Bebgoróroti dos caiapós. Até nas ilhas do Pacífico encontramos lendas similares como a dos maoríes. Ali, deuses chamados de papalaugos chegaram nas mesmas condições que os demais. Inclusive, podemos ir mais longe, pois até no Oriente Médio, no norte da África e nas civilizações do Mediterrâneo podemos encontrar lendas e mitos similares. É como se existisse um plano bem elaborado com a intenção de elevar o nível cultural do homem, estabelecendo experimentos isolados geograficamente ou pelo tempo, permitindo acompanhar o desdobramento do realizado. Seja como for, todas essas entidades apareceram nitidamente como deuses/mestres, propiciando o desenvolvimento daquelas culturas, e isso não pode ser negado, mas continua difícil de ser aceito.

Festa dos Caiapós em homenagem ao deus Bebyoróroti

ARQUIVO TRÊS

O enigma de Súmer

Há 6 mil anos, eles sabiam mais das coisas do espaço do que nós hoje, com todo o avanço tecnológico

Durante muito tempo, a história nos fez crer que apenas o poder e o desenvolvimento de Roma e Grécia foram, verdadeiramente, o berço do conhecimento humano. Que o limite do real processo civilizatório estava restrito a essas únicas coordenadas geográficas e temporais. Mas vale relembrar que Roma somente conquistou a sua realização como cultura e civilização na época de Cristo, e os gregos, alguns séculos antes, na Idade Clássica.

Depois do surgimento da Egiptologia, graças à campanha de Napoleão no Egito e à descoberta da famosa pedra de Roseta em 1799, compreendeu-se que a civilização egípcia havia atingido uma incrível e complexa forma cultural, milênios antes que Grécia ou Roma. E foi cobrada outra imagem quando, entre o pó do deserto, os arqueólogos passaram a realizar algumas importantes descobertas. Aos poucos, incríveis restos foram sendo encontrados nas regiões do Oriente Médio, os quais revelavam requintes de sofisticação e conhecimentos inimaginados para culturas tão antigas. As descobertas alertaram sobre a existência de uma única cultura-mãe, responsável pelo exercício de uma enorme e radical influência em todas as culturas locais, provocando desdobramentos importantes ao longo dos séculos seguintes, inclusive, com conseqüências até os dias de hoje. Porém, resulta difícil explicar para os cientistas como foi possível que, num distante passado, seres humanos desprovidos de quaisquer meios de desenvolvimento, como os atuais, pudessem construir, tão rapidamente, uma civilização, cujas bases existem até hoje, ou cujos conhecimentos científicos serviram para sustentar muitas das descobertas atuais.

Guerreiros sumérios: arte cheia de requintes e técnica

Segundo o escritor americano Zecharia Sitchin, em tempos remotos, seres extraterrestres vieram para a Terra, estabelecendo um importante relacionamento com alguns seres humanos. E, em especial, com algumas poucas culturas que consideraram interessantes a seus propósitos, provocando grandes saltos civilizatórios, continuando, inclusive, a influenciar a humanidade até nos dias de hoje.

Todas as descobertas realizadas até o momento apontam que uma antiga e fantástica civilização surgiu repentinamente, sem qualquer processo gradual ou transitório de desenvolvimento, por volta do ano 4000 a.C., isto é, há pelo menos uns 6 mil anos até hoje. E tudo isso ocorreu ao sul da antiga Mesopotâmia, exatamente, nas regiões do Oriente Médio, atual Iraque, particularmente entre os rios Tigre e Eufrates. Além do mais, ninguém sabe ao certo qual foi a origem desse povo, pois sua linguagem e cultura não apresentam antecedentes identificáveis.

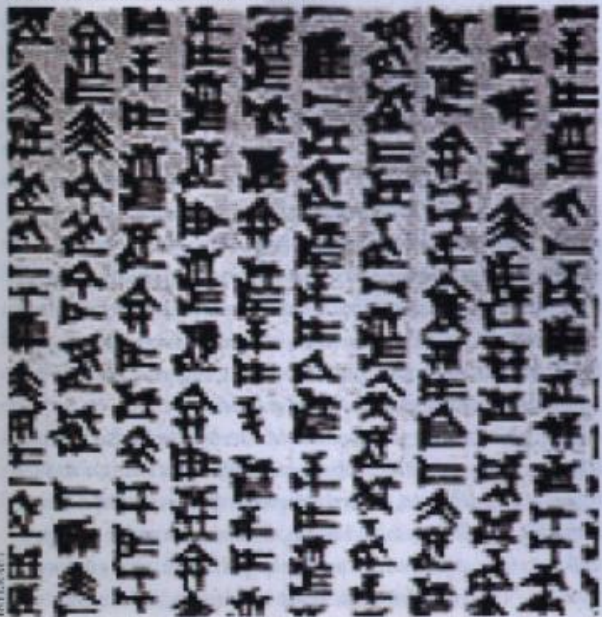
De acordo com um grande número de achados arqueológicos, foi possível descobrir que invenções como a roda, o forno e os ladrilhos, já faziam parte do seu conhecimento tecnológico havia muito tempo, dando a entender que, provavelmente aqui, surgiram pela primeira vez em nosso mundo. Também foi aqui onde a religião, os templos e o

sacerdócio se originaram, onde as cidades literalmente floresceram com prédios de vários andares, palácios requintados, portos para a navegação e o comércio, além de uma incrível rede de irrigação e canalização de água potável. Um sistema legal com leis, cortes, juízes, advogados e promotores também existiu, não deixando nada a desejar em relação à moderna estrutura atual. As artes, então, como a música, a dança e a pintura, enfim todo esse segmento, proliferaram amplamente. De igual forma a educação e o ensino gozavam de escolas e academias onde se aprendia de tudo, inclusive medicina, química, matemáticas e outras ciências.

No meio de todos esses conhecimentos e conquistas, também se encontra a escrita, levada adiante dentro de um processo amplamente sofisticado de gravação. Recibos, contratos, códigos, leis, processos judiciais, arquivos reais, documentos históricos, dicionários de outras línguas e muitos outros trabalhos literários e científicos foram registrados em pequenas tábuas de barro, num processo de escritura chamada de "cuneiforme". As pequenas tábuas eram gravadas ainda frescas e moles, sendo que, quando secavam, se tornavam registros permanentes. Ao longo das escavações, foram encontradas centenas de milhares dessas tábuas de argila, sendo que agora podem ser lidas e traduzidas. Em algumas delas, existem também contos épicos que relatam a vinda de entidades estranhas ao mundo e ofertam o conhecimento da civilização ao homem; ou estórias míticas de antigos dilúvios universais; e, até, a busca da imortalidade. Entre o enorme acervo de tábuas existentes, foram achados desenhos esquemáticos e desenhos para decorar, ilustrar ou registrar a título do cabeçalho, isto é, para evidenciar a origem do documento como hoje fazemos ao nível

A escrita cuneinforme dos sumérios

INTERNET

ARQUIVO TRÊS

Zecharia Sitchen, escritor americano

empresarial ou político. Em muitos casos, os desenhos eram realizados com uma espécie de sinete ou selo feito em metal, pedra ou cerâmica onde, ao rodá-lo no barro mole, deixava gravado em baixo ou alto-relevo o seu desenho. Cabe destacar que o acesso aos textos dessa civilização chamada de "suméria" (por pertencerem à civilização de "Súmer") foi conseguido através das descobertas de dicionários e documentos escritos em línguas de outras culturas (Acádica/Suméria), o que permitiu ir decifrando gradualmente o significado da escrita, já que não existiam antecedentes da evolução da mesma.

A civilização suméria encontrou seu apogeu por volta de 1.500 anos, resistindo heroicamente a mais de um século e meio de assédio político por parte de seus vizinhos do norte, os acádicos (reino de Acade). Mas, por volta de 2000 a.C., as investidas dos amoritas e elamitas acabaram com a sua estrutura, destruindo-os como civilização autônoma. Porém, as suas conquistas tecnológicas e culturais sobreviveram, vindo a influenciar as culturas próximas e posteriores, como a dos babilônios e dos assírios, inclusive, a dos judeus.

Os sumérios não somente impactaram o mundo em que viveram, mas também o mundo científico atual, pois têm demonstrado possuir uma alta sofisticação cultural em tempos incrivelmente remotos, mas, principalmente, por pos-

suir um conhecimento astronômico que somente hoje podemos confrontar, descobrindo que esses primitivos habitantes do Oriente Médio conheciam mais coisas do espaço há 6 mil anos do que nós, atualmente.

O DÉCIMO PLANETA DO SISTEMA SOLAR

Poucas pessoas hoje podem compreender que muitos dos conceitos atuais da astronomia moderna são basicamente de origem suméria. Dentre eles, como exemplo, temos o zênite, o horizonte, a esfera celestial e a divisão de um círculo em 360 graus. Além disso, temos também o conceito da banda celestial dividida em 12 casas, na qual os planetas realizam seu percurso ao redor do Sol, inclusive a relação zodiacal associada a um determinado grupo de estrelas (constelações), com um nome e um símbolo pictórico. Por outro lado, também temos os conceitos de ascensão heliacal e os critérios para os movimentos celestes; além do conhecimento do fenômeno da precessão equinocial (a qual precisa de uma observação de 2.160 anos). Fora tudo isso, os sumérios sabiam que a Terra não é plana, mas redonda, e que giramos ao redor do Sol; conhecimentos esses que escaparam totalmente dos astrônomos posteriores ocidentais até o Renascimento, com as primeiras idéias de Copérnico e Kepler.

Um dos deuses, no interior de uma esfera voadora

Os conhecimentos sumérios estão registrados em milhares de tábuas, representando um intrincado quebra-cabeça. Grande parte desse legado é exclusivamente sobre astronomia, onde podemos encontrar relações ou listas de estrelas e constelações na sua correta posição celeste, assim como manuais de observação para saída e desaparição das estrelas e dos planetas. E tudo isso é relativamente fácil de entender, pois os sacerdotes sumérios eram fundamentalmente astrônomos, já que observavam o céu continuamente desde os templos, os quais eram pirâmides ou torres escalonadas de elevadas proporções, chamadas de "zigurats".

Porém, simples observações, realizadas a olho nu, não explicam todo esse vasto conhecimento acumulado nos registros dessa cultura. Os sumérios conheciam, de alguma forma, a verdadeira natureza do nosso sistema solar. Eles descreveram o Sol, e não a Terra, como sendo o centro do sistema, ao contrário dos gregos. Para os sumérios, a Terra era considerada o sétimo membro do sistema solar, sendo que para nós é o terceiro a partir do Sol. Mas, se contarmos do último planeta em direção ao Sol, somos realmente o sétimo planeta. E isso não são especulações estrapafúrdias, pois essa civilização deixou para trás uma série de documentos onde apresentam, não apenas a seqüência dos planetas na ordem correta, mas se dão ao luxo de apontar as distâncias existentes entre eles. Tudo isso, há mais de 4 mil anos antes de Cristo, sendo que o último planeta a ser descoberto pelos nossos telescópios data de 1930, como foi o caso de Plutão. Por outro lado, dada a sua cosmologia, consideravam a Lua como mais um membro do sistema solar, afirmando que o sistema todo reuniria um total de 12 membros: o Sol, a Lua e mais dez planetas. Atualmente, apenas conhecemos nove, mas os sumérios confirmavam a existência de um décimo planeta bem mais distante que Plutão, do qual os seus mestres extraterrestres, os "Anunnaki", haviam vindo para a Terra, chamado de Nibiru. Sitchin comenta que Nibiru possui uma ampla órbita excêntrica em torno do Sol, cuja revolução leva cerca de 3.600 anos terrestres.

Na descoberta de um selo sumério de 4 mil anos de antigüidade, temos um fato realmente interessante, pois nos faz rever, de imediato, o conceito que fazemos de primitivo. Nessa curiosa representação, onde constam cenas de uma atividade provavelmente cerimonial, podemos observar na parte superior uma representação do Sol e de todos os planetas do sistema solar ao seu redor, incluindo o planeta dos anunnakis que, segundo o mito sumério, passa entre Marte e Júpiter a cada 3.600 anos.

O fato de que os planetas além de Saturno (Urano, Netuno e Plutão) fossem de conhecimento sumério, é algo realmente assombroso. Mas, ainda resulta mais significativa

a descrição que realizam sobre os mesmos, pois os detalhes são simplesmente incríveis, já que a humanidade atual somente pôde confrontar o relato sumério quando a Voyager 2 os fotografou entre 1986 e 1989.

Infelizmente, as ilustrações dos sumérios não são coloridas, porém, as detalhadas descrições que realizaram preenchem essa dificuldade. Segundo os sumérios, o planeta Netuno era associado à água e denominado de HUM.BA, que significa "vegetação pantanosa". Por outro lado, Urano era conhecido por Kakkab Shanamma, isto é, pelo "planeta duplo". As fotografias, lançadas para a Terra da Voyager 2, em 1986, demonstraram que Urano é um planeta de cor azul-esverdeada, cujo eixo se encontra tombado, girando quase que no horizonte. E o mais incrível de tudo foi quando, em 1989, a sonda espacial enviou as primeiras fotos de Netuno, comprovando que o planeta é um perfeito gêmeo de Urano em tamanho e aspecto visual, além de apresentar também uma rotação tombada. Num outro catálogo cuneiforme, o mesmo chama Urano de EN.TI.MASH.SIG, que significa "planeta de brilhante vida verde". A Voyager 2 colocou dentro de todos os lares do mundo as primeiras imagens em cores do verde e azulado Urano em 1986, além de descobrir que, aparentemente, existem grandes quantidades de líquido na sua superfície, apresentando enormes possibilidades de reunir as substâncias necessárias para dar início a um processo de geração de vida.

Todas essas informações, a respeito de Urano e Netuno, existiam enterradas nas areias do deserto há mais de 4 mil anos a.C., sendo absurdo que, somente entre 1986 e 1989, a sonda espacial Voyager 2 confirmasse as descrições sumérias.

Segundo relata Sitchin em suas traduções dos textos sumérios, esse povo insistia em afirmar que toda a sua sabedoria veio para a Terra, trazida pelos anunnakis, inclusive, precisando a data desse evento como sendo o ano 3.760 a.C. De acordo com os textos, o conhecimento dos anunnakis incluía de tudo, desde a configuração de um estado monárquico, a organização social, até a medicina, as matemáticas e as ciências da Terra.

O SURGIMENTO DO ATUAL PLANETA TERRA

Em vários textos, recentemente traduzidos, Sitchin acredita ter descoberto o relato da criação do sistema solar realizado de forma detalhada. De acordo com o texto, existiam apenas três corpos celestes inicialmente no primitivo sistema solar: Apsu, Mummu e Tiamat. Apsu era o pai original, isto é, o Sol. Mummu era seu seguidor de confiança, isto é, o planeta Mercúrio. E, finalmente, Tiamat era a deusa-mãe que, junto com Apsu, teria gerado os demais planetas como Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Os textos não comentam como Júpiter e Saturno produziram Urano, que por sua vez gerou Netuno. Porém, relata como Saturno engendrou Plutão para ser o seu satélite. Segundo a lenda, não demorou muito tempo para que os planetas-deuses co-

Nas ilustrações sumérias: deuses alados e objetos com asa que lembram naves espaciais

meçassem a atravessar as órbitas uns dos outros, razão pela qual Apsu (o Sol) e Mummu (Mercúrio) arquitetaram um plano para livrar o universo dos inconvenientes jovens planetários. Porém, o plano foi descoberto e o jovem Netuno lançou um terrível ataque preventivo contra o Sol. Conforme interpretação de Sitchin, isso significaria que, num determinado momento, Netuno teria apresentado uma alta elevação radiativa, o que teria provocado a sua completa esterilização, afastando-se da região onde se encontrava toda a matéria original de onde se geraram os novos planetas. Mas o texto continua relatando que, repentinamente, do interior do espaço chegou um novo planeta-deus, chamado Nibiru, ingressando no sistema solar. Chegou vomitando fogo e emitindo radiação, aparentemente derretido. Sua presença perturbou a órbita de Tiamat, colidindo com um dos satélites de Nibiru e arrancando novos corpos celestiais do corpo dela. Lançando essas novas luas em rotação ao redor de si mesma, Tiamat desafiou a situação. E, quem saiu para a defesa, foi Kingu (a Lua) o seu preferido e maior satélite. Os jovens deuses pensaram em vingar-se, mas temiam ser fracos demais. Saturno tomou consciência de que Nibiru era forte o necessário para derrotar Tiamat, insistindo para que o fizesse. Nibiru concordou, sob uma única condição, de que outros planetas-deuses lhe outorgassem a supremacia sobre todos eles. Cada um deles concordou com a condição, ajustando a suas respectivas órbitas para colocar-se em rota de colisão com Tiamat. Nibiru dirigiu-se contra Tiamat, carregando consigo um exército de tempestades (asteróides). Ao chegar, os seus satélites se chocaram contra Tiamat, despedaçando-a numa primeira batida. A primeira metade estilhaçada se transformaria no cinturão de asteróides, que hoje existe entre Marte e Júpiter. Uma segunda batida teria despedaçado ainda mais Tiamat, transformando uma grande parte dela no planeta Terra e deixado Kingu como sua eterna Lua. O impacto provocado haveria lançado a futura Terra a sua posição orbital atual, enquanto os seus fragmentos estariam condenados a vagar eternamente pelo espaço. Finalmente, Nibiru castigou Kingu pelo seu atrevimento, condenando-o a ser estéril e privado de vida. Após a batalha, o sistema solar estava finalmente concluído e completo.

De acordo com as explicações de Sitchin, Nibiru era um planeta errante que ingressou no nosso sistema, carregando consigo todos os elementos necessários para o desenvolvimento da vida. Com o impacto contra Tiamat, a futura Terra teria colocado nela todos os elementos fundamentais para permitir o surgimento da vida, razão pela qual essa surgiu tão vasta e plural. Por outro lado, em Nibiru, teria ocorrido o mesmo, somente que de uma forma mais rápida e elevada, transformando esses seres em criaturas altamente desenvolvidas em comparação com a Terra.

Segundo Sitchin, há pelo menos uns 450 mil anos, os seres de Nibiru ou os anunnakis, perceberam que suas vidas corriam um sério risco. A atmosfera de Nibiru estava dissipando-se lentamente. Preocupados pelo prazo que lhes restava para salvar o seu mundo, os cientistas anunnakis idealizaram uma solução. Desenvolveriam um escudo protetor de partículas de ouro que ficaria suspenso sobre sua fraca e frágil atmosfera. Os anunnakis sabiam para onde poderiam dirigir a sua procura, já que as quantidades deveriam ser elevadas. Sondas, enviadas anteriormente, haviam revelado que a Terra era o único planeta do sistema solar que reunia as condições necessárias para ser explorado. Sem perda de tempo, os anunnakis planejaram uma expedição de investigação e extração do minério.

Porém, dada a órbita de Nibiru ser tão aberta em relação ao Sol, foram obrigados a aguardar o momento de aproximação com a Terra. Dessa forma, chegado o momento, aterrissaram durante o período da segunda Era Glacial, encontrando um terço do mundo coberto de gelo. Por essa razão, os colonos anunnakis procuraram dirigir-se para uma região mais quente, a qual seria, mais adiante, o Oriente Médio. Nesse lugar, no que seria a Mesopotâmia futuramente, encontraram um clima cálido, bem temperado e com bastante água, além de petróleo para utilizar como combustível. Foi nessa região que, originariamente, passaram a procurar ouro, mergulhando nas maravilhosas águas do golfo Pérsico.

SERES REPRODUZIDOS DE FORMA ARTIFICIAL

Durante a prospecção e extração, os anunnakis fundaram na região da costa setentrional do golfo Pérsico a sua primeira cidade, Eridu, que quer dizer em sumério "casa construída na distância". Pouco a pouco novas cidades passaram a ser fundadas, num padrão que delinearia um corredor de aterrissagem visível para os astronautas que chegavam do espaço. Os textos parecem indicar que os anunnakis deixaram objetos orbitando a Terra, como intermediários entre as naves vindas de Nibiru e as colônias da Terra. O deus chamado Enki, nas velhas lendas sumérias, parece ter sido o líder da missão, havendo mantido a sede do seu poder na cidade de Eridu. Tudo indica que o seu mandato sobre a Terra teve curta duração, pois parece que não conseguiu ouro suficiente das águas do golfo. Assim, seu pai, Anu, o trocou por outro líder chamado Enlil, seu meio-irmão. Após a primeira viagem, Enki foi obrigado a ceder o poder para Enlil. Como o média de vida dos anunnakis era de 28.800 anos, a Terra já iniciava a sua saída da Era Glacial. As grandes massas de gelo se derretiam rapidamente, aumentando o volume dos oceanos, passando a inundar os antigos centros de atividade anunnaki. Os colonos foram obrigados, gradualmente, a modificar seus locais de resi-

dência, passando a habitar a região central da Mesopotâmia. Temporariamente, Enlil veio habitar a cidade de Larsa, enquanto a nova capital, Nippur, começava a ser construída. Após 21.600 anos de obras, Nippur tornou-se um importante centro de atividade de comando, da qual podiam ordenar-se as viagens de transporte para Nibiru.

Após o terrível fracasso de Enki na procura de ouro no oceano, Enlil passou a procurá-lo em terra, acabando numa região de incrível beleza longe da Mesopotâmia. Segundo Sitchin, provavelmente seria a região do atual Moçambique, na África. Nesse lugar, despreparados em relação ao clima, os anunnakis se esgotaram terrivelmente com as condições de trabalho, produzindo-se uma situação de insatisfação geral. A dificuldade enfrentada chegou a condições realmente críticas, a ponto de que, quando Enlil visitou as minas, teve que conter um motim de enormes proporções, narrado nos textos religiosos como a rebelião dos anjos.

De acordo com a tradição dos textos sumérios, os anunnakis se rebelaram violentamente, proclamando guerra. Mas, insensível e determinado, Enlil não se comoveu, sendo que os amotinados encontraram apoio em Enki, seu rival e, em Anu, seu pai. Frente a essa situação, Enki sugeriu, junto com a deusa da medicina, Ninharsag, que se criasse um "lulu", isto é, um trabalhador primitivo para aliviar o terrível trabalho dos deuses. Aceita a proposta, foram combinados genes de aves, bois, leões e diversos animais da Terra com os de um ser, o qual pareceria estar numa condição evolutiva acima dos demais: um homem-macaco, isto é, um hominídeo. Mas, os experimentos foram uma total decepção para os cientistas anunnakis. Até que, finalmente, conseguiram criar o "lulu" ideal, ou seja, o primeiro ser humano, misturando o material genético do homem-macaco com um anunnaki. A deusa Ninharsag modificou seu nome para Ninti, que quer dizer "senhora que dá a vida", após mostrar a todos o resultado satisfatório do seu experimento.

O "lulu" feito pelos anunnakis era muito similar a eles, bem ao contrário dos seus ancestrais mais próximos. De acordo com um texto sumério, o mesmo descreve o híbrido como: "...A sua pele é como a de um deus". Ao que parece, os primeiros "lulus" eram estéreis, sendo reproduzidos em massa de forma artificial pelos anunnakis.

O HOMEM, PRODUTO DA HIBRIDAGEM EXTRATERRESTRE

Essa visão do gênesis sumério vem ao encontro de quase todos os mitos existentes da criação. Em cada um deles, os deuses criaram o homem a sua imagem, ou em outros casos, realizaram uma série de experiências até acertar, como no caso dos mitos e lendas dos povos da América Central. Por outro lado, todas as teorias evolucionistas, em relação à origem do primeiro homem, apontam o continente africano como o berço gerador, o que parece uma interessante coincidência com o relato sumério. Cabe lembrar que a origem do primeiro verdadeiro hominídeo, o *homo habilis*, se dá no meio de um grupo de hominóides chamados de Australopitecídeos, isto é, em meio a um grupo de seres pré-humanos. O *homo habilis* surge em meio a esses seres sem estabelecer um elo de ligação gradual que justifique a sua distinção, ou seja, não há vestígios da ramificação da árvore genealógica humana que indique o momento exato de sua independência em relação à linhagem dos pré-humanos. Ao que parece, o surgimento do primeiro homem se assemelha a uma aparição espontânea, sem vestígios ou históricos. Apenas sabemos que, paralelamente ao seu surgimento, coexistiam vários seres cujas características coincidem com a descrição de homens-macacos.

De acordo com Sitchin, o *homo sapiens* representa um salto incrivelmente extremo dentro do lento processo evolutivo de uma espécie, mais ainda se considerarmos a capacidade de falar, que nem sequer tem qualquer relação com os primatas primitivos. Para Sitchin, a raça humana é produto de uma hibridagem extraterrestre.

Depois de a criação ocorrer, os humanos foram enviados para a Mesopotâmia. Ali, Enlil e Enki travaram uma terrível batalha pelo domínio do planeta. Na luta, Enki procurou estabelecer alianças com os humanos, encorajando-os a procriar. Assim, os humanos descobriram a capacidade de procriar e o poder de reger suas próprias vidas. Enlil, enraivecido e temeroso de que os homens pudessem aprender também o segredo da imortalidade, os expulsou definitivamente do seu local de moradia, para que não descobrissem os segredos dos anunnakis. Banidos, os humanos continuaram a procriar e disseminar-se pela Terra, chegando até a misturar-se com os anunnakis. Enlil percebeu que um desastre estava a caminho. Nibiru logo passaria próximo da órbita da Terra, provocando uma influência gravitacional que desestabilizaria as camadas de gelo nos pólos, as quais invadiriam rapidamente os oceanos. Isso, como conseqüência, elevaria de imediato o nível das águas em todo o planeta, provocando o afogamento de toda a vida da superfície.

Quando o momento se aproximou, os anunnakis, sob comando de Enlil, fugiram da Terra sem avisar os humanos do desastre. Porém, Enki, protetor da humanidade, havia informado a um homem, sobre o desastre iminente, chamado de Utnapishtim. O mesmo, sabendo da inundação, construiu um enorme barco, carregando-o de plantas e animais de toda espécie. Assim, passado o desastre, a humanidade, a fauna e a flora sobreviveram.

Quando as águas secaram, os deuses retornaram para a Terra, verificando que a humanidade havia sobrevivido. Surpreso e enraivecido, Enlil parou para refletir, voltando atrás na sua posição de destruir a humanidade. Daquele dia

em diante, os anunnakis se uniram aos humanos, trabalhando juntos como parceiros na Terra. Gradualmente, os deuses foram ensinando aos homens as bases de uma organização social, vindo a ofertar-lhes, mais adiante, o reino de Súmer, como um legado ao seu desenvolvimento e uma prova de responsabilidade.

SEMELHANÇA COM FATOS BÍBLICOS

Tudo isso, curiosamente, se encontra também registrado nos textos bíblicos do Antigo Testamento, quando se menciona a relação sexual que se estabelece entre os filhos de Deus e as filhas dos homens no Gênesis (6:4), ou do pacto de Deus com Noé, após o dilúvio. Além de tudo isso, temos comentários muito interessantes a respeito da relação homens/deuses/anjos no "Livro dos Vigilantes" do profeta Henoc. Cabe relembrar que Henoc foi o profeta que conversou diretamente com Deus (Gên. 5:24), segundo o relato bíblico, sendo descendente direto do terceiro filho de Adão e Eva, chamado de Set. Henoc foi filho de Jared, pai de Matusalém, avó de Lamec e bisavó de Noé. Embora se conheça alguma coisa sobre a sua existência, pouco foi legado à posteridade, o que realmente resulta num contrasenso, pois esse profeta deveria ter sido considerado muito mais dentro do judaísmo, assim como dentro do cristianismo, em razão de ter acessado a verdade diretamente do próprio Deus. Mas, pelo que tudo indica, o que Henoc veio a saber do próprio Deus acabou não sendo interessante para o judaísmo nem para o cristianismo, razão pela qual nenhum dos seus livros foi incluído no cânon de ambas as religiões.

Por outro lado, vale observar que Abraão, pai do judaísmo, era um semita sumério, já que, segundo o texto bíblico, Deus fala com seu pai Taré, pedindo que abandonem Ur dos caldeus e se dirijam para Haran. Se Taré e seu filho Abraão moravam em Ur, essa cidade era suméria, o que significa que toda a formação desse grupo obedecia as características desse povo. Por outro lado, não será, pois, de estranhar que toda a genealogia da criação (Adão e Eva, o paraíso, etc.), a estória do dilúvio universal, assim como a relação de anjos com mulheres, registrada no judaísmo (Torá), encontre tanta semelhança com os contos resgatados da mitologia suméria.

TERRA: BERÇO DE UMA ESPÉCIE NOVA DE VIDA INTELIGENTE

Segundo o profeta Henoc, os anjos teriam vindo para a Terra em tempos remotos, quando se relacionaram com o homem. O profeta chama os anjos de "vigilantes" ou "guardiões", e isso encontra um clímax interessante quando, num recente texto descoberto em Qumram e desconhecido do judaísmo, encontramos Lamec, neto de Henoc, chamando a atenção de sua mulher por achar que o filho que carregava, e que mais adiante seria chamado de Noé, foi concebido de uma relação adúltera com os "guardiões", os anjos do senhor.

Historicamente, a humanidade está repleta de textos antigos como os Vedas, o Kojichi, o Huai-Nan-Tzu, o Shu-King, o Chuang-Tsu, o Liu-Shi-Chún Chíu, o Feng-Shen-Yen-i, o Kanjur, o Tanjur, o Mahabharata, o Samarangana-sutradhara, o Popol-Vuh, o Chilam Balam, o Ramaiana, o Vanaparvan, o Bhisma Parva, o Drona Parva e muitos mais, onde encontramos relatos de guerras entre deuses, relações com os seres humanos, processos de criação, visitas dos deuses aos homens, enfim, situações variadas e curiosas. A grande maioria dos textos converge num possível quadro criacionista, onde o planeta Terra pode ter sido o berço da construção de uma espécie nova de vida inteligente, desenvolvida artificialmente por extraterrestres.

Até hoje, tanto a antropologia como as demais ciências que investigam o nosso passado somente conseguiram aumentar o quadro das dúvidas e das questões, não conseguindo explicar, definitivamente, o momento em que o homem se fez homem, e se isso foi um evento realmente natural ou não.

Nos escritos sumérios, um conhecimento muito avançado quase 6 mil anos antes de Cristo

INTERNET

Os egípcios e a tecnologia perdida

Relatos sugerem que as primeiras dinastias egípcias sabiam como construir lâmpadas elétricas, baterias e até robôs

O famoso delta do rio Nilo fascina qualquer visitante por inúmeras razões, tal a quantidade de maravilhas ali concentradas. Toda a história de um povo milenar encontra-se esculpida entre as rochas que contornam cada curva, assim como em quase todos os monumentos encontrados ao longo do seu caminho.

Porém, um dos lugares que mais chama a atenção é, sem dúvida alguma, o Vale dos Reis. Ali, em meio a um grupo de montanhas a poucos quilômetros do Cairo, se encontra uma várzea entre montanhas baixas, a qual parece propositalmente lavrada para criar o efeito de um labirinto. Entre seus contornos, a história tem revelado, pouco a pouco, os túmulos perdidos de antigos faraós e rainhas, assim como ressuscitado a sua memória. Após persistentes e difíceis buscas, lendários arqueólogos e caçadores de tesouros escavaram as encostas e os recantos das pedreiras, deparando-se com fantásticas e inesquecíveis descobertas. Nomes outrora perdidos na vastidão do tempo voltaram à vida na era das grandes descobertas. A sofisticação e riqueza de tempos perdidos retornava, luxuriante, a entorpecer com ouro e pedras preciosas a cobiça do homem moderno. O antigo império do alto e baixo Egito ressurgiu vagarosamente das areias do deserto, trazendo consigo não apenas a grandiosidade de seus ourives e artistas, mas mistérios cada vez mais complexos e difíceis de explicar.

Até 5 mil anos a.C. não foram achados vestígios da civilização egípcia, a não ser escassos restos da passagem e atividade de povos nômades. Pareceria, na verdade, como se, repentinamente, essa civilização tivesse surgido do nada, construindo complexos palácios, incríveis pirâmides e descoberto os profundos segredos da astronomia, da escrita e das matemáticas. Seu aparecimento como civilização é, pois, quase espontâneo. E o que resulta curioso é o fato de que, conforme foi se tornando uma civilização cada vez mais antiga, houve, paradoxalmente, uma involução tecnológica e cultural, pois os prédios assim como as construções mais recentes resultam ser mais imperfeitas, menos sofisticadas e pior acabadas. Apenas nas primeiras dinastias é possível encontrar exímios artífices da pedra de extrema dureza, como o diorito, assim como construções de rochas cortadas ou trabalhadas com grande precisão. Tanto é verdade que o faraó Niuserre, somente 130 anos posterior a Quéops ou Khufu, conseguiu levantar uma pirâmide com apenas 50 metros de altura. E não somente isso, isto é, com o passar do tempo não só esqueceram como construir pirâmides, mas também a escrita, a ponto que, quando da chegada de Cristo ao mundo, os hieróglifos

O conhecimento egípcio parece ter sido herdado de alguém que existiu à margem dessa civilização

ARQUIVO TRÊS

eram tidos como símbolos mágicos e ninguém sabia mais interpretá-los. Teoricamente, é fácil pressupor que uma civilização de semelhante conhecimento no passado teria buscado aperfeiçoá-la conforme o tempo transcorria, porém, não é isso que os achados apresentam. Dá a impressão de que todo esse conhecimento pertencia a alguém que existiu à margem dessa civilização e, uma vez desaparecido, perderam totalmente o conhecimento, vindo a improvisar.

Tal é o caso da famosa e gigantesca estátua de Memnón, isto é, da representação do faraó Amenofis III, levantada ao lado do seu gêmeo por volta do ano 1.500 a.C., formando os conhecidos Colossos de Memnón. Segundo narram alguns cronistas, como Estrabão por volta do ano 90 a.C., Germânico por volta do ano 19 d.C., Juvenal por volta do ano 90 d.C., Pausanias e o imperador Adriano por volta do ano 130 d.C., uma das esculturas colossais emitia um som sutil e agudo muito peculiar, semelhante à corda de uma harpa desafinada, unicamente quando o Sol saía de manhã. E isso ocorreu por vários séculos. Segundo alguns comentários da época, a estátua parecia saudar o Sol a cada ressurgir, sendo que o som original era agradável e melodioso. Cabe relembrar que os Colossos de Memnón foram parcialmente destruídos no ano 524 a.C. por Cambises e danificados por um terremoto no ano 27 a.C.. De acordo com as tradições, foi exatamente durante o reinado do imperador romano Septimio Severo que, após um trabalho de restauração iniciado sob seu comando, as estátuas calaram-se definitivamente.

ROBÔS NA ANTIGÜIDADE

Por outro lado, no conteúdo de um manuscrito árabe chamado *Murtadi*, traduzido em 1666 em Paris por Pierre Vattier, temos o relato da descoberta de duas estátuas, uma de um homem e a outra de uma mulher, ambas com características étnicas completamente diferentes das egípcias, encontradas no interior da "sala do rei", na pirâmide de Quéops. Em meio a essas duas figuras, o texto narra a existência de um jarro feito em cristal vermelho que, quando cheio de água, apresentava o mesmo peso que quando vazio. Além do mais, a narrativa dá a entender que o achado parece ser um tipo de robô no interior da pirâmide, pois o texto afirma claramente: "...Num lugar quadrado, como para realizar uma assembléia, havia muitas estátuas e, entre elas, havia a figura de um galo de ouro vermelho. Essa figura era incrível, e estava adornada por pedras preciosas, das quais duas representavam seus olhos, os quais resplandeciam como grandes tochas...Quando os homens se aproximaram, o animal emitiu um urro terrível, começou a bater as asas e, ao mesmo tempo, se ouviram vozes procedentes de todas as direções...".

Aparentemente, esse relato apresenta a perfeita descrição de um tipo de máquina animada com aspecto de galo, porém, ocorre que esse tipo de tecnologia era totalmente desconhecida na época do relato. Uma outra situação similar ocorreu com duas personalidades famosas, Santo Tomás de Aquino e Santo Alberto Magno, padre dominicano, mestre de Santo Tomás, filósofo e teólogo do século XIII. Segundo um relato da época, ocorreu que Santo Alberto descobriu, entre escritos antigos e livros perdidos de origem egípcia, os dados para construir um tipo de boneco articulado, capaz de realizar tarefas domésticas sob o comando de seu construtor. De acordo com os contos da época, Santo Alberto decidiu reunir uma série de substâncias e metais desconhecidos, iniciando a construção do boneco com o formato de uma mulher, o qual levou 20 anos para ser finalizado. O resultado foi uma empregada maravilhosa, disposta a realizar um trabalho eficiente e ininterrupto. Porém, a atividade exagerada da doméstica mecânica, assim como uma contínua atitude inquieta e brincalhona fora dos limites, passou a incomodar ambos os teólogos. Dessa forma, irritado pelo barulho e cansado do robô, Santo Tomás pegou um martelo num momento de raiva e acabou completamente com a sua criação. E os relatos desse tipo de tecnologia não acabam por aqui. Até o famoso filósofo grego Platão, discípulo de Sócrates, comenta sobre seus robôs em vários dos seus escritos, inclusive afirmando que eles eram tão perfeitos, que era necessário tomar cuidado com eles, pois podiam chegar a agir por conta própria. Por outro lado, até os deuses do Olimpo grego possuíam robôs. Segundo as lendas, o deus Hefaistos, forjador ou ferreiro oficial do Olimpo, teria construído para si dois robôs cujas formas eram de duas belas e maravilhosas mulheres, as quais o transportavam nos ombros e corriam a socorrer todo o exército de deuses quando necessário.

Todos esses mitos parecem pura ficção científica, porém, o entendimento deles mudou radicalmente a partir de uma descoberta arqueológica de incríveis proporções. O achado ocorreu em 1900, frente às costas da ilha de Antikythera, no mar Egeu, quando um grupo de pescadores de esponjas, do povoado de Dodecaneso, se encontrava procurando refúgio para o barco contra uma tempestade. Depois de passado o perigo, os pescadores mergulharam no local, achando os restos de um antigo navio grego a 70 metros de profundidade. Do seu interior, retiraram vários objetos entre estátuas de mármore e bronze, ânforas e jarrões, além de outros. Dentre eles, conseguiram levar para a superfície um objeto recoberto de cracas e deforme pela corrosão, que parecia apenas uma peça de bronze deformada, razão pela qual não lhe deram muita importância.

As posteriores pesquisas realizadas pelos historiadores Solla Price e Valerios Stais, assim como pelos especialistas Merrit e Jorge Stamires, demonstraram que o navio grego correspondia a um naufrágio ocorrido no século I antes de Cristo, remontando-se a uma antigüidade de 2 mil anos.

Mas, o melhor estava por vir, e isso somente ocorreu quando o misterioso objeto foi limpo, revelando-se uma incrível descoberta. Tratava-se de um tipo de mecanismo, construído em bronze por volta do ano 85 ou 65 a.C., embora alguns acreditem ser mais antigo. A máquina, conservada atualmente no Museu Arqueológico de Atenas, foi construída reunindo um complexo sistema de engrenagens e dispositivos, compreendendo 40 rodas de vários tamanhos, nove escalas móveis, três eixos, uma roda central de 240 dentes, um diferencial e um eixo maior que, provavelmente, serviria para colocar todo o mecanismo em funcionamento, saindo do exterior.

Máscara de ouro de Tutankamon

Conforme pôde ser investigado, a roda central continha uma borda dentada, cujo relevo era de 1,3 milímetro em cada dente. A máquina, como um todo, se encontrava no interior de um tipo de caixa, também de bronze. De acordo com os pesquisadores, podem ser identificadas em seu interior algumas inscrições, sendo que algumas delas fazem menção ao famoso calendário grego de "Geminos de Rodas" (ano 77 a.C.), reproduzindo parte dele, além de aparecerem desenhos representando o Sol, Vênus, as estações, o horário lunar e mais algumas coisas difíceis de definir pela corrosão. Por outro lado, também foi possível identificar reparos que foram realizados na estrutura e nas engrenagens em diversas ocasiões, o que revela que o mecanismo se encontrava em uso havia bastante tempo. O aparelho demonstrou claramente se tratar de um dispositivo de controle do tempo extremamente preciso e sofisticado, além de apresentar um requinte construtivo apenas comparável com a tecnologia atual. Tudo isso indica que a tecnologia existente naquela época era capaz de desenvolver máquinas desse tipo e até outras para diversos fins, embora não exista nenhuma informação histórica a respeito desse processo que chegou até nossos dias.

Isto é, a descoberta da máquina de Antikythera demonstra a existência concreta de uma tecnologia extraordinária um século antes de Cristo, ocorrendo que, até onde essa tecnologia chegou, como surgiu e qual foi seu processo de desenvolvimento jamais chegou ao conhecimento de nossos arqueólogos ou historiadores, representando um grande enigma em relação ao potencial real ao qual a civilização grega realmente chegou. Ou seja, é bem provável que venhamos a descobrir outras máquinas similares ou até mais complexas, cujos fins poderiam ter sido os mais variados num breve futuro, porém, resulta claro que todo esse conhecimento se perdeu no tempo.

Parece ridículo, pois, observar que foi Leonardo Da Vinci quem no século XVI utilizou a engrenagem pela primeira vez, tornando-se o pai da engenharia mecânica, sendo que, a mais de 1.500 anos antes dele, os gregos já haviam fabricado um computador astronômico. A origem dessa tecnologia está perdida no tempo, mas é bem provável que muitos escritos, documentos e registros sobre essas descobertas, assim como a origem das mesmas, tenham sido destruídos ao longo da história pelo "Santo Ofício", melhor conhecido pelo nome de Inquisição. Mas, mesmo assim, temos que admitir que, em tempos antigos, aqueles que se perdem na lembrança da humanidade, houve um conhecimento apenas equiparado com o atual, e, talvez, até superior, cuja origem permanece desconhecida ou associada apenas aos deuses.

Outro grande mistério resulta no fato de que os egípcios cavaram seus túmulos, assim como construíram as pirâmides, iluminando seu cenário de trabalho provavelmente apenas com tochas, porém, é difícil acreditar nessa hipótese por várias razões: uma é o fato de não ter-se achado marcas de fuligem nos tetos dos túmulos, profundos ou não; a segunda é a de que os locais eram fundos demais, o que provocaria

uma queda do oxigênio pelo fogo. Além do mais, as pinturas encontradas nesses lugares gozam de cores maravilhosamente combinadas e de uma perfeição incrível, o que dificilmente se conseguiria através de uma deficiente iluminação. Por outro lado, a utilização de espelhos para levar a luz solar ao interior está completamente descartada, já que existe uma perda pelo distanciamento, além de que não se conheciam espelhos como os atuais, sendo que os da época não apresentavam uma superfície suficientemente refletiva.

LUZ ELÉTRICA PARA OS FARAÓS

Alguns relatos têm apontado para a possibilidade de que, naquela época, os egípcios já conhecessem a eletricidade. E isso não é impossível, já que recentes descobertas na Mesopotâmia demonstraram que, por volta do século V a.C., já se conhecia a galvanoplastia, isto é, o banho de estátuas de prata com ouro através da eletrólise. E isso corresponde às estátuas achadas assim como o famoso recipiente encontrado nas escavações das colinas de Radua, no Irã, pelo arqueólogo Wilhelm Konig, em 1938. O recipiente em questão foi feito de argila clara, com a forma de um jarro, em seu interior encontrava-se um cilindro de cobre de 26 mm de diâmetro e 19 cm de altura, e dentro dele havia uma vareta de ferro apresentando os restos de um antigo revestimento de chumbo, sendo que a sua antigüidade foi marcada próxima do ano 227 a.C. Segundo foi apontado pelos investigadores, o objeto reúne as características de uma bateria elétrica quando acrescentado em seu interior vinho ou algum suco cítrico, provocando de imediato uma carga elétrica pela reação eletrolítica com os metais. Além do mais, outros objetos similares foram também achados em Tell Olar e Ktesifon, na Turquia, datando do século X a.C. Aqui podemos ver que, há mais de 200 anos antes de Cristo, a eletricidade já era conhecida, sendo que somente por volta do século XVIII foi que Alessandro Volta e Luigi Galvani empregaram-na pela primeira vez desde aquela época. O conhecimento da eletricidade em tempos remotos tem cobrado força na explicação de certos fatos, inclusive resulta na única possível resposta para antigos relatos e para a realização de trabalhos artísticos como os encontrados no Egito.

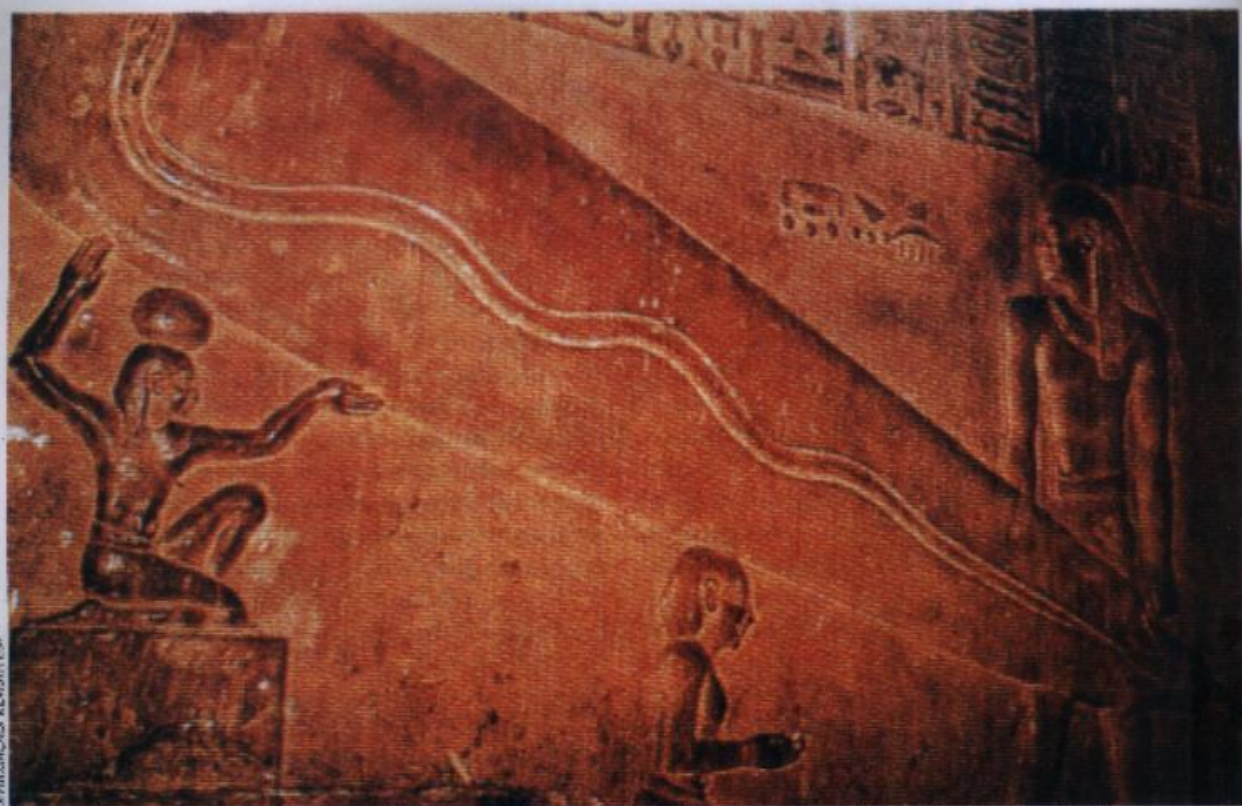
Atualmente, no Egito, o túmulo de Ramsés VI é um dos mais visitados pelo seu estado de conservação, pela sua beleza e proximidade com o túmulo de Tutankamon, isso sem considerar as famosas e eternas pirâmides de Giza. Grandes monumentos apresentam a implementação de conhecimentos tecnológicos construtivos como ninguém jamais poderia imaginar, assim como a arte de escavar túneis e túmulos na rocha em profundidades realmente impressionantes.

Porém, a beleza presente na terra do Nilo parece ter surgido de um período bastante remoto. Segundo o historiador Manetón, bem antes de ter surgido a primeira dinastia e seu respectivo faraó, Menes, existiu um período de dominação e reinado divino que durou quase 13 mil anos, seguindo o período de 11 mil anos regido pelos semideuses. O faraó Menes teria herdado o conhecimento e crenças dos tempos antigos, quando o deus Osíris veio dos céus contraindo matrimônio com a sua irmã, a deusa Ísis, e dando à luz ao deus Horus. Esse último deus se misturou com o povo, vindo a ter descendência, razão pela qual os egípcios acreditam serem descendentes dos deuses. Fazendo um pequeno paralelo, temos que os gregos tiveram também o deus Cronos, e os romanos Saturno, filho de Urano, os quais também se misturaram com os humanos.

De qualquer forma, desde a primeira dinastia, os egípcios passavam a representar objetos voadores, os quais transportavam os seus deuses. Fosse através de barcas com asas e depois com discos solares com asas, ou, para mais tarde, a partir da quinta dinastia, as representações serem substituídas pelo símbolo do deus-falcão Horus.

A evolução da barca ao disco solar nos arremete à possibilidade de ser a representação de objetos espaciais, possibilidade que não deveria ser descartada. A presença desse tipo de representação é uma constante em todos os túmulos.

Na maior parte desses túmulos, foram encontrados textos de livros sagrados, em forma de papiros abertos, pelos tetos e paredes. E é precisamente no túmulo de Ramsés VI, onde o número de textos é maior. Escritos e cenas do *Livro das Portas*, do *Livro das Cavernas* (uma variante do *Livro de*

Tesouro de Tutankamon que pode ter sido feito com o uso da eletricidade

O uso de lâmpadas elétricas explicaria o brilho constante do Farol de Alexandria e como eram feitos os interiores das pirâmides

Amduat), capítulos *do Livro dos Mortos*, do *Livro da Vaca Celeste* e do *Livro do Dia e da Noite* podem ser encontrados no interior dos corredores, no salão principal e na sala do sarcófago. É óbvio que as inscrições não foram realizadas especificamente para que os turistas do futuro as apreciassem, mas resultam, em sua maioria, em maldições para os violadores de túmulos e conselhos para ajudar os mortos. Os hieroglifos explicam que as almas dos defuntos viajavam ao distante país de Amenti, situado ao oeste, de onde vieram os deuses ou os primeiros viajantes, e onde ressuscitariam quando chegasse o momento. Mas, dentro de todo esse universo impressionante de desenhos e ilustrações dos textos antigos, dois símbolos, em particular, os denominados Tit e Djed, continuam sendo um curioso e interessante enigma.

Ninguém sabe até hoje o que representam o signo Tit e a coluna Djed, assim como ninguém se atreve oficialmente a pronunciar-se a respeito. A forma da coluna Djed lembra os isolantes de vidro dos postes de iluminação que sustentam cabos de alta tensão. E, se juntarmos o signo Tit, teremos exatamente o efeito que sofre um processo de iluminação.

Numa sala subterrânea do templo de Dendera, próximo ao delta do Nilo, existem vários desenhos em baixo-relevo, os quais parecem representar, com luxo de detalhes, lâmpadas ou ampolas de vidro com filamentos internos para iluminação. Em algumas das galerias subterrâneas podemos observar perfeitamente esses desenhos, mostrando ampolas enormes com filamentos internos ao modo de lâmpadas, sendo seguras pelas colunas Djed e atuando como isolante ou fornecedor de energia. No desenho, aparece uma fonte de energia unida à lâmpada, deixando claramente ver-se os filamentos internos, onde o signo Tit parece agir como uma espécie de lanterna, sendo portada por estranhos personagens.

Todos esses desenhos sugerem a possibilidade de que os antigos egípcios tivessem conhecido não somente a eletricidade, mas também a fabricação de lâmpadas muito antes que Thomas Edison as inventasse no século passado. Além do mais, explicaria também como puderam realizar as construções de pirâmides, galerias e pinturas, sem ter deixado marcas de fuligem ou de qualquer imperfeição.

O fato de que os egípcios conheciam a eletricidade encontra sustentação nos relatos do famoso Farol de Alexandria, uma extraordinária torre que se levantava no porto da cidade de Alexandria e em cujo topo se encontrava uma luz que brilhava continuamente, orientando as embarcações que até ali aportavam. Mesmo com tempo bom ou ruim, chovendo ou não, a luz do farol guiava o caminho dos navios, sendo uma luz forte e diferente de qualquer tocha, é o que narra o sábio grego Heródoto.

Outro achado, que confirma também a utilização da eletricidade por parte dos egípcios, ocorreu por volta da meta-

de do século passado, quando o pesquisador Augusto Mariette encontrou nas redondezas de Giza algumas peças cobertas por uma fina capa de ouro. Esse tipo de tratamento de chapado somente é possível com a utilização de banhos de ouro por eletrólise. Porém, no Egito não foram achados até o momento os aparelhos que serviram para esse tipo de trabalho, embora na Mesopotâmia seja diferente.

VIAGEM AO ESPAÇO

Segundo um relato de Santo Agostinho, existiu uma lâmpada que não podia ser apagada nem pelo vento nem pela chuva, no Egito, e outra em Antioquia, a qual se manteve acesa por mais de 500 anos. De acordo com os relatos de alguns historiadores romanos, o templo de Numa Pompílio, em Roma, ostentava no topo de sua cúpula uma luz mágica, a qual permanecia acesa permanentemente. Na famosa Via Appia, em Roma, foi descoberto um túmulo no qual se encontrava enterrada uma mulher, cujo cadáver foi conservado em perfeitas condições. De acordo com alguns detalhes, esse túmulo se encontrava iluminado por uma luz vermelha, a qual permaneceu durante muitos séculos. O jesuíta Kircher recolheu na sua obra "Edipo Egipcíaco", de 1562, pedaços de um antigo documento indiano primitivo, o qual dava detalhes da construção de uma bateria elétrica. O texto diz: "...Colocar uma lâmina de cobre, bem limpa, numa vasilha de barro; cobri-la com sulfato de cobre, e em seguida cobri-lo tudo com serragem úmida, para evitar a polarização. Depois colocar uma capa de mercúrio amalgamado com zinco por cima da serragem úmida. O contato produzirá uma energia conhecida pelo duplo nome de mitra-varuna. A água será decomposta pela ação dessa corrente em Pranavayu e Udanavayu. Diz-se que uma cadeia de cem vasilhas desse tipo proporciona uma força muito ativa e eficaz." O que está relatado no texto indiano é a perfeita descrição de uma bateria elétrica com seu respectivo ânodo e seu cátodo, na qual a água é decomposta em seus elementos oxigênio e hidrogênio.

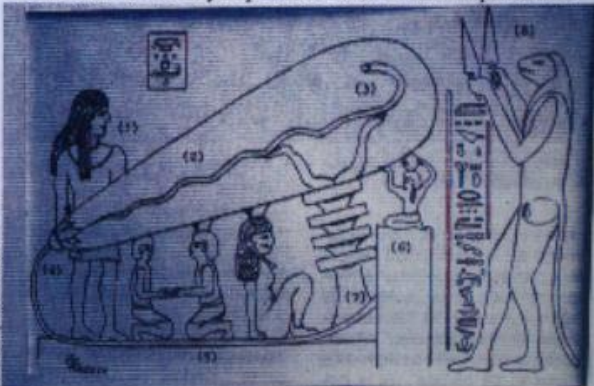
Toda essa tecnologia parece ter sido esquecida por completo pelo mundo logo depois do nascimento de Cristo. Embora no século IV a.C. o sábio Aristarco de Samos já tivesse calculado a circunferência da Terra e confirmado que a mesma era redonda, encontramos o absurdo de que, quando Colombo saiu para descobrir a América, em 1492, a Terra era considerada plana por todos na época. Além do mais, incontáveis relatos apresentam evidências de que, no passado, uma tecnologia extraordinária, tanto construtiva como destrutiva, existiu em nosso mundo.

Para ilustrar melhor essa afirmação, podemos nos reportar a um fragmento do relato contido no Vanaparvan, um épico indiano escrito por volta do século II a.C., que numa passagem diz: "Arjuna ascendeu ao céu para obter dos seres celestiais armas divinas e aprender seu uso..." Como é possível que um lendário príncipe, de uma cultura remotamente antiga, tivesse a facilidade de subir aos céus e ainda adquirir armas para combater seus inimigos? Que tecnologia existia nessa época que permitisse tal feito e que armas eram essas?

A narrativa desse curioso texto não acaba aqui. No capítulo 102, do Vanaparvan, podemos ler: "Quando Arjuna retornou do céu com seu indestrutível veículo, descobriu uma maravilhosa cidade entre as estrelas....A cidade aparecia radiante, girando entre as estrelas, cheia de estruturas e com seus acessos fortemente vigiados..." Num outro trecho o texto diz: "...Quando Arjuna foi informado sobre a origem da cidade giratória chamada Hiranyapura (que significa Cidade Dourada), soube que, pouco a pouco, os asuras se haviam apropriado dela, deixando os deuses de lado..."

Para uma visão moderna esse relato descreve claramente a viagem ao espaço de um ser chamado Arjuna, que se defronta com uma estação espacial orbitando provavelmente a Terra. Mas, são apenas contos, frutos da imaginação ou fatos reais testemunhados há milhares de anos que, pela ignorância dos que vieram depois, foram tidos por mitos e lendas?

Seja qual for a resposta final, teremos que aguardar até que novas descobertas venham a esclarecer o mundo moderno. Porém, resulta surpreendente observar que os relatos antigos descrevem com extraordinária semelhança tecnologias que neste momento preenchem as necessidades da nossa Era. Como pode ser possível que, homens de milhares de anos atrás, cuja ignorância deveria ser enorme em relação a atual, foram capazes de construir cidades que resistiram ao tempo, a terremotos, a conquistas e guerras. Civilizações que impressionaram o tempo a ponto de legar ao futuro seu conhecimento, a ponto de fazer basear o mundo moderno nas estruturas do passado. Resulta, pois, incrível que, com todo o conhecimento atual, passamos a descobrir que não estamos inventando nada novo, pois os deuses do passado já haviam ensinado tudo isso e mais ao homem primitivo. Tanto que o presente se faz em função dos mestres do tempo, dos deuses vindos do céu e das estrelas.

Os símbolos de Tit e Djed: processo exato da iluminação elétrica

As planícies de Nazca

Entre a Cordilheira dos Andes e o Oceano Pacífico, gigantescos desenhos estão cravados no solo

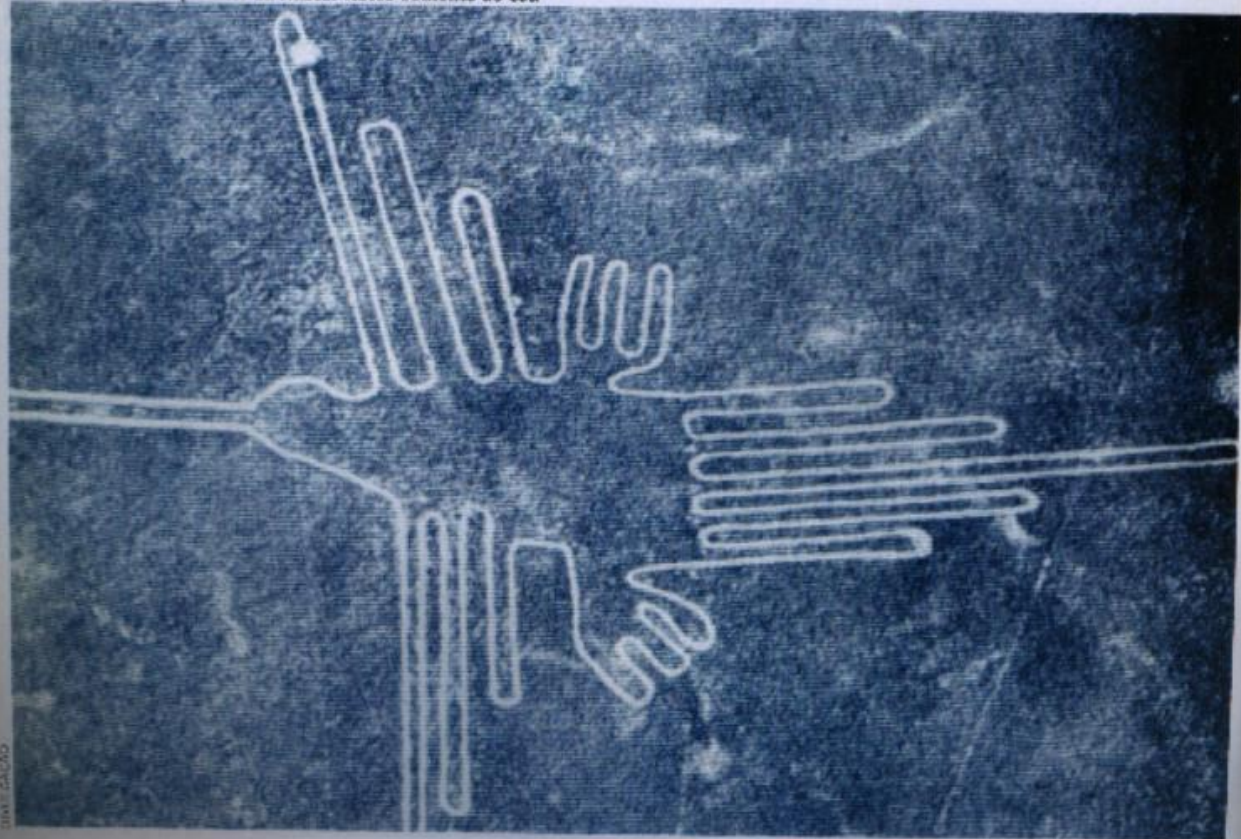
Entre as maravilhosas muralhas rochosas da Cordilheira dos Andes e as costas do oceano Pacífico, a uma altitude não superior a 400 metros, existe uma enorme planície cuja extensão percorre mais de 520 km². Nesse lugar, totalmente desértico, se abriga o mais notável e estranho conjunto de gigantescos desenhos zoomórficos, traçados por profundos sulcos retilíneos com dezenas e até centenas de metros de comprimento.

Nessa região do Peru meridional, dominada por ventos suaves que sopram desde o litoral, os quais contrastam com um panorama árido onde não chove há séculos, se encontram os restos da passagem de uma antiga cultura chamada nazca, que há mais de 1.500 anos realizou um dos mais incríveis trabalhos jamais vistos pela humanidade, já que, para vê-los, tem que ser pelo ar.

As famosas planícies de Nazca reúnem a maior coleção de desenhos gigantescos, assim como a presença de estranhas e enigmáticas pistas semelhantes às existentes em aeroportos modernos. Os desenhos, cujo traçado reúne um número enorme de desenhos de animais e figuras antropomórficas, têm permanecido quase inalterados em sua maioria, embora alguns estejam sofrendo atualmente com a presença da constante passagem de veículos no local.

Os primeiros relatos sobre os desenhos de Nazca remontam ao período da colonização espanhola por volta do século XVI. Nessa época, o famoso cronista da conquista, o religioso Cieza de León, comenta intrigado em suas anotações sobre as "estranhas marcas no vizinho deserto de Nazca". Mas foi apenas por volta de 1926 que um grupo de arqueólogos peruanos, sob o comando do dr. Julio C. Tello, realizou o primeiro registro sobre a sua existência. Porém, somente em 1930 é que os traçados já haviam sido realizados pela Força Aérea peruana, sendo que, em 1941, o enigma das figuras despertaria o interesse do mundo científico.

Foi inicialmente o dr. Paul Kosok, um americano professor de História, da Universidade de Long Island, o primeiro cientista a devotar-se a uma exaustiva investigação e sobrevoar a região, descobrindo e catalogando todos os desenhos. Seu interesse ocorreu quando, ao investigar os sistemas de irrigação pré-colombiana, deparou com os enor-

Uma das figuras de planície da Nazca: vistos somente do céu

mes desenhos num grupo de fotos aéreas. Mais adiante, em 1948, o dr. Kosok recebeu a companhia da astrônoma e matemática alemã dra. Maria Reich para suas pesquisas a respeito da origem dos desenhos, e que seria atualmente a maior especialista no assunto. A dra. Maria Reich é hoje a maior defensora da preservação dessa região, chegando ao ponto de radicar-se no Peru e morar numa pequena e singela casa de sapé no deserto, tendo dedicado sua vida inteira à descoberta do significado dos desenhos que, segundo ela afirma, seriam fundamentalmente de uso astronômico. Noutras palavras, as planícies de Nazca resultariam no maior templo religioso a céu aberto do planeta.

Cabe destacar que o trabalho realizado em Nazca não é único no mundo, tendo sido encontrados trabalhos similares ao norte do Peru, no deserto de Atacama, no Chile, em Westbury, Uffington, Cerne Abbras e Wilmington, na Inglaterra, e em algumas regiões da Califórnia, Geórgia, Ohio e de Wyoming, nos Estados Unidos.

A dra. Reich sucedeu o dr. Kosok na pesquisa, vindo a descobrir uma grande quantidade de traçados semelhantes a pistas em formatos triangulares, retangulares e trapezoidais, além de um emaranhado de linhas retas, às vezes paralelas, outras em ziguezague ou simplesmente cruzando-se entre si. Além do mais, identificou longas faixas que se assemelhavam a estradas, as quais também se cruzavam, formando quadrados, círculos e espirais, todas com dimensões superiores a cem metros de comprimento. Segundo a dra. Reich, tudo indica que a realização dos desenhos implicou um complexo e exaustivo trabalho. Não apenas desde o aspecto construtivo braçal, mas desde o planejamento. As características dos desenhos indicam um meticuloso cálculo prévio, tendo sido necessária a existência de desenhos em escala menor como referência.

As pesquisas da investigadora permitiram achar pequenos desenhos em escala bastante reduzida próximos dos desenhos originais, assim como a existência de antigos postes de madeira, fincados em alguns pontos estratégicos com a função de permitir o traçado de linhas retas. Dessa forma, utilizando-se de pequenos modelos, cordas e postes para realizar retas e, provavelmente, de outros elementos, os desenhos foram sendo construídos sistematicamente. E esse processo deve ter-se alastrado por várias décadas, envolvendo provavelmente algumas gerações até a finalização dos trabalhos.

Porém, muitas teorias foram elaboradas sobre o objetivo e utilidade desses desenhos. Vale destacar novamente que, apenas pelo ar é possível identificá-los claramente, sendo que até fotografias realizadas do espaço pelo projeto espacial Skylab indicaram a existência de linhas e desenhos percebidos apenas do espaço, isto é, em altitudes superiores a 10 mil metros.

Embora a dra. Reich insista em afirmar que os desenhos sejam de utilidade astronômica, apoiando-se no fato de que algumas linhas apontam em direção do nascer e do pôr-do-sol em dias específicos do ano, como o solstício de verão, e a descoberta de alguns montículos artificiais de rocha utilizados como dispositivos de contagem para assinalar os dias do ano, o dr. Gerald S. Hawking, astrônomo americano, realizou um detalhado trabalho sobre os desenhos, utilizando-se de um computador, sendo que o resultado não apontou qualquer relação ou significado astronômico.

ELETRICIDADE E MEDICINA

A respeito da cultura nazca, em particular, quase nada se sabe, já que muitos dos restos de suas construções foram destruídos, sejam por avalanches ou depredação humana, sendo que no período da conquista já estava desaparecida. Em seus cerâmicos foi possível perceber aspectos curiosos nas relações de cores e desenhos, os quais vêm intrigando inúmeros cientistas. Alguns investigadores, como o dr. Xavier Cabrera Darquea, se aventuram a afirmar ter descoberto conceitos sobre eletricidade e até sobre medicina nos desenhos de alguns cerâmicos, dando a entender que os nazcas possuíam conhecimentos além do imaginado em tempos remotos.

Mesmo que pesquisadores como o próprio Erik von Daniken e alguns adeptos a suas teorias afirmem que Nazca possa ser um aeroporto extraterrestre pré-histórico, faltam dados e informações para dar consistência a essa possibilidade. Descobertas ainda podem estar aguardando, já que as condições de pesquisa no local até o momento sempre foram precárias, motivo pelo qual até a própria antigüidade do local está sendo revista neste momento, havendo recuado já para vários milhares de anos. Porém, resulta verdadeiramente difícil determinar a razão pela qual desenhos tão gigantescos seriam necessários, principalmente, a ponto de serem avistados do espaço.

O explorador americano Bill Spohrer, fascinado pelos gigantescos desenhos, realizou uma profunda investigação na região, chegando a elaborar uma teoria bastante interessante. Spohrer aventou a hipótese de que os nazcas teriam realizado o traçado dos desenhos não somente orientados por estacas no chão, mas também sobre uma supervisão desde o ar, empregando balões de ar quente.

Embora o primeiro vôo de um balão ocorresse, em 1709, na cidade de Lisboa, em Portugal, a distância tecnológica com os nazcas era enorme. Porém, a teoria de Spohrer encontrou seu fundamento em algumas representações achadas em alguns cerâmicos, onde seria possível identificar "papagaios" ou balões voando alto no céu, com suas respectivas caudas balançando ao vento. Um outro fator, que influenciou Spohrer, foram os tecidos encontrados na região, no interior de alguns túmulos. Outro aspecto influente foi a identificação de alguns rituais cerimoniais encontrados em algumas tribos da América do Sul, onde a prática resulta em soltar pequenos

Algumas lendas sugerem que os desenhos de Nazca são uma convocação aos deuses para um retorno ao mundo

balões de ar quente ao finalizar o festival religioso, como uma forma de lembrar o retorno ao céu dos deuses. E, finalmente, um outro aspecto que motivou Spohrer a elaborar a teoria do balão, foi a lenda inca que relatava os vôos de reconhecimento sobre as linhas inimigas realizado por um jovem imperador, bem no período do surgimento do incanato.

Como sustentação de toda essa teoria, Spohrer apresentou, como prova circunstancial, o achado de um grande número de rochas escurecidas encontradas em grandes grupos circulares nos extremos de muitas linhas. De acordo com alguns testes realizados, o escurecimento das rochas poderia ter sido provocado por enormes fogueiras, acesas nesses pontos, visando ao aquecimento do ar para encher os balões que comandariam a construção.

Visando provar a sua teoria, em 1975, o explorador americano e mais alguns colegas, reuniram materiais e técnicas construtivas que, na sua opinião, deveriam ter sido empregadas na época para a confecção dos balões. Empregando os recursos considerados corretos, Spohrer construiu um enorme balão chamado de "Condor I", o qual se elevou a grande altura sobre a planície, levando a bordo dois pilotos. O balão havia sido construído com tecido novo, seguindo os padrões têxteis da época, sendo que a cesta dos pilotos correspondia a uma pequena estrutura feita de junco, similar às embarcações encontradas no lago Titicaca.

Porém, vale ressaltar que os tecidos empregados por Spohrer corresponderam à tecelagem da cultura paraca e não da nazca, sendo que o trabalho em junco da cesta do balão, foi obtida da empregada pelos uros, no lago Titicaca. O trabalho de Spohrer acabou sendo uma colcha de retalhos do conhecimento de várias culturas, mas nada especificamente dos nazcas, a não ser o pressuposto de sua teoria.

Embora a experiência tivesse proporcionado um excelente resultado, aventado a possibilidade de os nazcas terem dominado o vôo, se reunidos esses conhecimentos e tecnologias, não pode ser esclarecido o sentido e a razão que os levaram a construir semelhantes desenhos.

Alguns pesquisadores que coletaram algumas lendas, se aventuraram em afirmar que, em tempos antigos, os líderes nazcas, após sua morte, foram colocados em balões, os quais se elevaram para o céu, buscando o reencontro com os deuses, sendo os desenhos os locais da realização desse ritual; correspondendo cada desenho a uma mensagem de despedida ou à identificação de algum deus em particular, podendo também ter alguma relação com castas ou hierarquias. Outros preferem considerar a possibilidade de serem pistas de pouso combinadas com desenhos mágicos, procurando convocar os deuses para um retorno ao mundo.

De qualquer modo, passados milhares de anos dessa cultura, o mistério em relação à origem e objetivo dos gigantescos desenhos transita apenas entre lendas e mitos, atribuindo aos deuses e às viagens para o céu a razão de tais construções.